



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL



DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL
SESSÃO CONJUNTA

ANO LVII – Nº 013 – SEXTA-FEIRA, 13 DE SETEMBRO DE 2002 – BRASÍLIA-DF

MESA DO CONGRESSO NACIONAL

Presidente

Senador **RAMEZ TEBET** - PMDB-MS⁽¹⁾

1º Vice-Presidente

Deputado **EFRAIM MORAIS** - PFL-PB

2º Vice-Presidente

Senador **ANTONIO CARLOS VALADARES** – PSB-SE

1º Secretário

Deputado **SEVERINO CAVALCANTI** - PPB-PE

2º Secretário

Senador **ANTERO PAES DE BARROS** – PSDB-MT

3º Secretário

Deputado **PAULO ROCHA** – PT-PA

4º Secretário

Senador **MOZARILDO CAVALCANTI** – PFL-RR

(1) Eleito em 20/09/2001

CONGRESSO NACIONAL

SUMÁRIO

1 – ATA DA 13ª SESSÃO CONJUNTA (SOLENE), EM 12 DE SETEMBRO DE 2002

1.1 – ABERTURA

1.2 – FINALIDADE DA SESSÃO

Destinada a homenagear o centenário de nascimento do Presidente Juscelino Kubitschek, nos termos do Requerimento nº 81, de 2000-CN. 04086

1.2.1 – Oradores

Senador José Alencar 04086

Deputado Paulo Octávio 04090

Senador Lindberg Cury 04092

Deputado Paes Landim 04093

Deputado Geraldo Magela 04097

Deputado José Antônio Almeida 04097

Senador Arlindo Porto 04098

Senador Valmir Amaral 04100

1.2.2 – Fala associativa da Presidência
(Senador Francelino Pereira) 04101

1.3 – ENCERRAMENTO

2 – COMISSÃO MISTA DE PLANOS, ORÇAMENTOS PÚBLICOS E FISCALIZAÇÃO

3 – COMISSÃO MISTA DE CONTROLE DAS ATIVIDADES DE INTELIGÊNCIA (CCAI)

4 – COMISSÃO PARLAMENTAR CONJUNTA DO MERCOSUL (REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA)

5 – COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQUÉRITO (ROUBO DE CARGAS)-

6 – CONSELHO DA ORDEM DO CONGRESSO NACIONAL

7 – CONSELHO “DIPLOMA DO MÉRITO EDUCATIVO DARCY RIBEIRO”

8 – CONSELHO DO DIPLOMA MULHER-CIDADÃ BERTHA LUTZ

Ata da 13ª Sessão Conjunta (Solene), em 12 de setembro de 2002

4ª Sessão Legislativa Ordinária da 51ª Legislatura

Presidência do Sr. Francelino Pereira

(Inicia-se a sessão às 11 horas e 22 minutos, no Plenário do Senado Federal))

O SR. PRESIDENTE (Francelino Pereira) – Declaro aberta a sessão solene destinada a comemorar o centenário de nascimento do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Convido o Exmº Sr. Governador do Distrito Federal, Joaquim Domingos Roriz, para ocupar lugar à mesa. (Palmas.)

Sras e Srs Congressistas, o Congresso Nacional tomou a iniciativa de preparar as comemorações do centenário de nascimento do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira já no ano de 2000.

Naquela oportunidade, o Senador Antonio Carlos Magalhães e os Senadores Geraldo Melo, Ademir Andrade, Carlos Patrocínio, Nabor Júnior, Marluce Pinto e Eduardo Suplicy apresentaram o Requerimento nº 81, de 2000 – CN, requerendo a *criação da Comissão Mista Especial destinada a preparar os atos comemorativos do centenário de nascimento do Presidente Juscelino Kubitschek, que transcorrerá em 12 de setembro de 2002.*

O requerimento foi aprovado na sessão do Congresso Nacional realizada no dia 13 de setembro de 2000.

Para aquela Comissão foram designados os Srs. Senadores José Sarney, José Fogaça, Nabor Júnior, Casildo Maldaner, Pedro Simon, Antonio Carlos Junior, Hugo Napoleão, Lindberg Cury, Francelino Pereira, Antero Paes de Barros, Pedro Piva, Jefferson Péres, Carlos Wilson, Arlindo Porto, Marluce Pinto, Gilberto Mestrinho, Maguito Vilela, Mauro Miranda, Bernardo Cabral, Freitas Neto, Romeu Tuma, Ricardo Santos e Luiz Pontes, bem como os Srs. Deputados Vittorio Mediolí, Elias Murad, Walfrido Mares Guia, Eliseu Resende, Paulo Octávio, Antônio do Valle, Silas Brasileiro, Eni Voltolini, Agnelo Queiroz, Ronaldo Vasconcellos, Saulo Coelho, Osmânio Pereira, Zila Bezerra, Gilberto Kassab, Vilmar Rocha, Mário de Oliveira, Mauro Lopes, Herculano Anghinetti e Lincoln Portela.

Foram eleitos Presidente da Comissão o Deputado Paulo Octávio e Vice-Presidente o Senador

Arlindo Porto, tendo sido designado Relator o Senador que tem a honra de presidir esta sessão.

A Comissão reuniu-se cinco vezes e, dentre outras providências, tomou a iniciativa de solicitar ao Presidente do Senado Federal, Senador Ramez Tebet, a reedição da coleção das obras **Programa de Metas, A Operação Pan-Americana e Por que Construí Brasília**, esta última de autoria do próprio Juscelino Kubitschek.

A TV Senado produziu, por iniciativa do Senador que lhes fala, documentário sobre a vida de Juscelino Kubitschek que deverá ser exibido aos visitantes do Congresso Nacional.

A Comissão concluiu elaborando o calendário das comemorações, que se estenderam por diversos Estados e se encerram com a realização desta sessão.

Vamos assistir, agora, à apresentação, pelo Coral do Senado Federal, das músicas Canção pela Paz e Canção da América.

(Procede-se à apresentação do Coral do Senado.)

O SR. PRESIDENTE (Francelino Pereira) – Tenho o prazer de convidar a Srª Anna Christina Kubitschek Alves Pereira para ocupar lugar à mesa. (Palmas.)

Vamos assistir, agora, a exibição de documentário sobre a vida do homenageado, produzido pela TV Senado. São apenas 10 minutos.

(Procede-se à exibição do documentário.)

O SR. PRESIDENTE (Francelino Pereira) – Tenho o prazer de registrar a presença de Maristela Kubitschek Lopes, que se encontra sentada à mesa a convite desta Presidência.

Passamos à lista dos oradores inscritos.

Tenho o prazer de conceder a palavra ao nobre Senador José Alencar.

O SR. JOSÉ ALENCAR (PL – MG. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente, Srªs e Srs. Congressistas, autoridades presentes, minhas senhoras e meus senhores, é excepcional a honra que cabe a cada um de nós que participa desta sessão solene em homenagem aos cem anos desse grande brasileiro que foi o Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Cem anos são passados desde que, naquele pequeno burgo, cintilante de minérios e mineiros, nascia um menino humilde, cujas origens não prometiam ao novo brasileiro ir além dos limites daquele relicário para sempre tortuoso. Os sinos então silentes de Diamantina, como suas pedras, testemunhas estas de um ciclo importante de nossa história, não anunciaram em 12 de setembro de 1902 que havia chegado ao mundo o infante Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Nada mais irrevelável do que a predestinação. O filho de um garimpeiro e de uma professora, manejan-do não mais do que uma vontade determinante, aliada a uma profissão de fé em seu país, certeza que sempre o acompanhou, ousaria transformar o Brasil em Nação verdadeiramente soberana. Obstinação, lucidez e trabalho foram as divisas de JK, a partir do seu encontro com a vida. Órfão de pai aos três anos de idade, o pequeno Juscelino cresceu assim sob a doce autoridade de Dona Júlia, que lhe assistiu com os escassos recursos de sua lida. Permitiu-lhe o fado, contudo, que iniciasse e concluísse os primeiros estudos em Diamantina, transferindo-se, em 1917, para Belo Horizonte. Na Capital do Estado, logra obter em concurso um cargo de telegrafista, exercido juntamente ao estudo da Medicina, que o faz clínico respeitado com especialização na França, mais tarde valendo-lhe nomeação para médico da Força Pública Mineira. Em 1931, escolhe Sarah Gomes de Lemos para a ele unir-se por toda a vida, companheira que, expressando a tradição da mulher brasileira, não deixa faltar a Juscelino o constante e necessário ânimo à sua caminhada desafiadora.

A jornada de Juscelino Kubitschek rumo ao Platanalto e à glória inicia-se em 1934, quando se elege Deputado Federal pelo Partido Progressista. As vicissitudes causadas pelo golpe que deságua no Estado Novo interrompem seu mandato parlamentar, mas o conduzem, em 1940, à Prefeitura de Belo Horizonte. Em cinco anos de gestão da cidade, esse é o primeiro período de grande consagração do administrador, do humanista. Provou Juscelino, em uma quadra de históricas dificuldades, que o município é mais que uma ficção, por isso instalando, com uma política urbana revolucionária, o moderno conceito de que o morador é o usuário daquele chão e, como o verdadeiro condômino responsável pela formação dos recursos públicos de que dispõe o Tesouro, é também seu único destinatário. Aquela Belo Horizonte em formação que Juscelino encontrara transforma-se então em uma metrópole pujante, sem perder, todavia, o perfume das magnólias. O dinâmico Prefeito atendeu às de-

mandas dos serviços públicos e garantiu espaços vanguardistas à cidade, dotando-a, por meio do gênio recorrente de Niemeyer, um dos artífices de sua futura consagração, de um conjunto de atrações espetaculares, entre elas as que compuseram a majestosa Pampulha, já dito como um poema de água e de pedra. Por suas ações modernizantes, a presença de Juscelino na Prefeitura de Belo Horizonte ainda é um divisor de águas na extensa galeria dos que geriram a Capital dos mineiros.

Encerrado o seu período como Prefeito, em 1945, elege-se, a seguir, Deputado Federal, dedicando-se ao mandato com zelo e entusiasmo.

No dia 3 de outubro de 1950, pelo Partido Social Democrático – o PSD –, é conduzido ao Palácio da Liberdade. À frente do Executivo de Minas Gerais, fixa suas ações administrativas no binômio energia e transporte anunciado na campanha.

Há muitas histórias sobre o Presidente Juscelino e existem também lendas, algumas objeto de citações por historiadores do seu tempo e da sua vida. Mas há uma história, Sr. Presidente, que peço permissão para contar aqui. Em Brasília, aqui no Congresso Nacional, numa sessão solene de homenagem a Juscelino, com a presença ilustre de membros da sua família, temos que conversar um pouco, até menos formalmente, porque estamos aqui todos irmanados naquele propósito de reverenciá-lo e de nos lembrarmos desse brasileiro que foi um exemplo para cada um de nós. A verdade é que há também quem diga que o Estado de Minas não tem mar por culpa de Juscelino. Então, essa história tem que ser trazida aqui. Havia em Minas Gerais, no Nordeste do Estado, uma região contestada, o Município de Mantena. Aquela região não pertencia nem a Minas nem ao Espírito Santo enquanto não se acertassem as divisas de comum acordo. Quem ali se estabelecesse não pagava o Imposto de Vendas e Consignações nem a Minas nem ao Espírito Santo. Isso até fez com que a cidade e o Município de Mantena crescessem um pouco porque era um incentivo por força daquele tempo de contestação da área. Havia lá um cidadão chamado José Fernandes, o Fernandinho, um grande amigo do Juscelino. Era do PSD e cabo eleitoral, fazendeiro na região contestada. Sua fazenda era grande, com muitos empregados, alguns dos quais denominados “os cabras do Fernandinho”.

Fernandinho resolveu avançar pelo território do Espírito Santo e foi avançando com a cerca cada vez mais dentro do território capixaba. Até que houve um confronto de seus cabras com a polícia militar do Espírito Santo e a perda de um policial de lá.

O Governador, então, entrou em contato com o Governador Juscelino Kubitschek. “Governador, o senhor tem um amigo lá em Mantena? Está acontecendo isso. O senhor me poderia ajudar porque temos a maior consideração com o senhor. Ficamos sabendo que ele é um correligionário do senhor”. Então, Juscelino mandou buscar o Fernandinho ao Palácio da Liberdade e lhe disse: “Fernandinho, você faz o favor de voltar com a sua cerca para o lugar onde ela sempre esteve”. Fernandinho relutou um pouco. Juscelino disse assim: “Eu sou candidato à Presidência da República. Preciso do apoio de todos os Governadores de todos os Estados. Preciso do voto de todos os brasileiros. Você volta com a sua cerca. Mando você, na Presidência da República, para a Embaixada do Brasil nos Estados Unidos da América”. Aí o Fernandinho disse: “Ora, Doutor, mas logo agora que estávamos quase chegando no lagoão!”. Lagoão era o mar. Mesmo assim concordou em recuar a cerca.

Juscelino Kubitschek mais tarde candidatou-se à Presidência da República e foi vitorioso. Já na segunda, terceira semana de mandato, Fernandinho foi ao Palácio do Catete. E um belo dia, chegando ao Palácio, o saudoso Ministro José Maria Alkmin disse: “Presidente, aí fora está o Fernandinho” – o Ministro era testemunha do diálogo entre Fernandinho e Juscelino no Palácio da Liberdade – “Ele disse que já está aí há uns três dias”. “Bom, deixe-o entrar. E você não saia”, disse ao Ministro José Maria Alkmin.

“Como vai, Fernandinho? E a terra? E Mantena? Tem chovido? Não tem chovido? Como estão as coisas?” “Pois é, Presidente. O negócio da embaixada, não é?” Então, Juscelino disse ao Ministro José Maria Alkmin: “Você vai ao Itamaraty porque nosso compromisso vai ser cumprido. O Fernandinho vai para a Embaixada do Brasil nos Estados Unidos. E você vai com ele”. José Maria Alkmin saiu, deixou Fernandinho no corredor, voltou e disse: “Mas, Presidente, o Fernandinho não liga duas palavras em português”. Juscelino: “E quem vai descobrir isso lá nos Estados Unidos da América?” (Risos.)

José Maria Alkmin, muito inteligente, no caminho já pensou em como resolveria o problema. Chegaram ao Itamaraty e resolveram que Fernandinho seria Adido Comercial junto ao Consulado do Brasil em New Orleans, e ele foi. Mais tarde, o Presidente Juscelino esteve em Ubá, depois de ter o seu mandato cassado, e alguém levantou essa história. Ele disse: “Fernandinho foi o melhor Adido Comercial que o Brasil já teve. Agora, me dava um trabalho danado, porque, de vez em quando, ele queria anexar os Estados Unidos da América”. (Risos.) Vejam que essa his-

tória tem uma parte de verdade, tem uma parte de lenda, mas tem que ser trazida num momento como este, em que todos nós queremos recordar aqueles tempos em que Juscelino fez com que o Brasil retomassem a sua auto-estima. O grande trabalho de Juscelino não foi Furnas, não foi Três Marias, não foi a rodovia Belém – Brasília, não foi Brasília, mas sim a recuperação da auto-estima do povo brasileiro, que passou a acreditar que o Brasil era um país que podia ir para a frente. Antes dele, até a enxada, um instrumento tão rudimentar, tinha que ser importada da Inglaterra, porque não éramos capazes de produzi-la. Os ônibus, que chamávamos de jardineira, os chassis com as carrocerias eram importados. Nós não fazíamos nada, nem as carrocerias dos ônibus. Vejam que essa é uma obra que realmente marca um tempo de antes e depois de Juscelino.

Mais uma oportunidade abre o destino para que o mineiro, hoje centenário, demonstre sua operosidade, rasgue estradas em todo o território e instale a Cemig, agência indutora da industrialização. A diligência de Juscelino ao fundar a Cemig, é valioso ressaltar, define-se como de natureza estratégica. Juscelino, como predestinado, era aliado do futuro e tinha para si a certeza de que a geração de energia era urgente e indispensável para o desenvolvimento. Impossível, portanto, aguardar-se do setor privado, tal o grau de investimento e de capacitação técnica necessários ao empreendimento. Só o Estado teria como viabilizá-la. E foi assim que ergueu a CEMIG – Centrais Elétricas de Minas Gerais – hoje uma organização modelar, universalmente reconhecida.

Foi, sem dúvida, a força administrativa de Juscelino, demonstrada no Governo de Minas, quando ali inaugurou uma era de desenvolvimento e otimismo, aliada à sua personalidade sedutora, que abriu seu caminho à Presidência da República em momento de grande perplexidade nacional. Detentor de indiscutível aptidão e talento para a conciliação, soube JK exercê-la na chefia da Nação como vertente moderadora às graves e quase insuperáveis crises que seus inimigos tramaram contra a República e a democracia. Delas saíram vitoriosos as instituições e o cidadão Juscelino Kubitschek.

Só um fenômeno predestinatório pode justificar a difícil ultrapassagem dos obstáculos de sua marcha por fim vitoriosa e a serena defesa de tantas infâmias a ele atiradas. Se a predestinação tem algo de transcendental à nossa compreensão, a humildade de Juscelino e sua invariável tolerância revigoraram suas convicções democráticas e prestam-se para todos nós, ao melhor exemplo da transigência e da magna-

nimidade na convivência política, práticas também ditadas por sua tendência liberal, responsáveis por antecipação apoteótica de sua glória.

Aqui também me faz lembrar um outro caso que tenho de lhes contar. Juscelino era Presidente. No Rio de Janeiro, o Palácio do Catete era administrativo e o Palácio das Laranjeiras residencial. E um cidadão amigo dele, seu eleitor, de uma cidade do norte de Minas, Janaúba, teve que pernoitar no Rio e se lembrou de que todos de sua família votaram no Presidente Juscelino. Resolveu, então, fazer uma visita ao Presidente Juscelino. Lá pelas 20 horas, chegou ao Palácio do Catete, e a guarda do Palácio não permitia que o cidadão entrasse para falar com o Presidente, já que dizia que queria falar com ele, pois era seu amigo, todos de sua família eram amigos, que seu pai havia votado nele, a mãe e todos de sua região, que o Presidente o conhecia, que esteve em sua campanha e estava lá apenas para dar-lhe um abraço. A guarda respondia que ele não havia previamente marcado nada, que não era assim.

O Palácio do Catete tem a sua construção rés-do-chão, passavam todos ali e, de repente, as pessoas começaram a parar, e alguém disse que uma hora daquelas o Presidente estava no Palácio das Laranjeiras, ali perto. E lhe ensinou o caminho. Assim, o cidadão se dirigiu ao Palácio das Laranjeiras. E lá, quando chegou, o pessoal da segurança já tinha sido alertado sobre a intenção do conterrâneo do Presidente. Mas ele fez um esforço enorme na portaria, até que chegou ao conhecimento do Presidente. Sendo assim, o Presidente mandou que eles o trouxessem – já era 21:30 horas. E eles o levaram até o interior do Palácio das Laranjeiras que, como todos sabem, fica em um bosque. Juscelino o recebeu, mandou-o sentar, serviu-lhe café, perguntou pela região – como vai, como não vai –, e o cidadão ficou exultante, emocionado e depois se despediu e foi embora.

Então, alguém disse: “Mas, Presidente, o senhor é um homem tão poderoso, receber esse cidadão, de cujo nome nem se lembrou. São 22 horas, e o senhor abrir mão da sua privacidade, no Palácio Residencial, um homem tão importante como o senhor? E o Presidente respondeu: “Eu não sou importante, importante é o cargo que ocupo, a Presidência da República. É de fato um cargo muito importante. Só que esse cargo não me pertence, mas sim ao povo brasileiro. (Palmas.) E pode estar certo de que esse cidadão, com toda sua simplicidade, foi uma das pessoas que me colocaram aqui”.

Essa é uma característica de Juscelino. São tempos que não voltam, porque é muito difícil que

haja novamente um homem da marca, da cepa, da coragem, da dedicação, do amor, da humildade, da determinação de Juscelino Kubitschek. Ele realmente mudou o Brasil. É pena que não tenha voltado em 1965, como planejado.

O estilo conciliatório e desarmado de Juscelino, unido aos altos propósitos que elegeu e cumpriu de fortalecimento da causa e dos interesses nacionais em todos os níveis, despertando nossas energias entorpecidas e assim projetando definitivamente o Brasil no concerto internacional, sempre pelas luzes de seu invulgar talento, inspirou seu inesquecível líder na Câmara dos Deputados, o vigoroso mineiro Paulo Píndaro Chagas – aquela mesma inteligência que equacionara a relação existencial de Milton Campos e Juscelino Kubitschek ao definir que Milton falou ao tempo e que Juscelino falou ao espaço –, a compor o mais belo e perfeito traço biográfico de Juscelino.

Em síntese feliz, o saudoso tribuno abrangeu os sonhos e a realidade de Juscelino. O mais faiscante aforismo de nossa era, construído entre quimeras e acertos, predizia sobre JK: “Juscelino, contemporâneo do futuro”. A predestinação de Juscelino se cumpriu tão inteiramente, que, embora amargando em vida tantas injustiças, foi também, como poucos, contemporâneo de sua própria glória.

As lágrimas na inauguração de Brasília, ele as recolhera como a justa certificação de seu triunfo e a antecipação de sua glória. Por isso, derramou ali incontido choro. A antecipação daquela almejada glória não se fez apenas no momento em que se queria só. A glória, bem o sabemos, é um novo juízo dos homens e do tempo. Para a glória de Juscelino, não houve tempo. É a essa glória do grande brasileiro que o Senado da República se curva hoje, com ela se rejubilando, neste mesmo espaço em que Juscelino, num momento dramático da vida nacional, com dignidade e destemor, despediu-se de seus Pares ao premunir a iminência da violenta cassação de seu mandato de Senador e a suspensão de seus direitos políticos.

No ocaso de sua admirável existência, Juscelino conviveu, compensatória e merecidamente, com esse sentimento mágico, e a profunda comoção de seus patrícios quando o perderam era a insólita glória de não o terem para sempre.

A confirmação da merecida glória do homem bom das Minas Gerais, do amante das serenatas e do desenvolvimento, é que faz a certeza de muitos de que Juscelino não morreu. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Francelino Pereira) – Com prazer, concedo a palavra ao nobre Deputado Paulo Octávio. (Palmas.)

O SR. PAULO OCTÁVIO (PFL – DF. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Exm^o Senador Francelino Pereira, Presidente desta sessão solene; Exm^o Governador Joaquim Roriz; Exm^o Senador José Alencar, que proferiu agora a bela homenagem ao nosso inesquecível JK; minha mulher, Anna Christina, Presidente do Memorial JK; Maristela Kubitschek Lopes, que nos honra com sua presença; meus amigos; Sr^{as} e Srs. Parlamentares; minhas senhoras e meus senhores, brasilienses, quero aqui justificar a ausência do Senador Arlindo Porto, que hoje está em Diamantina, representando a Comissão do Congresso que trabalha nos preparativos deste centenário. S. Ex^a me pediu que transmitisse o seu abraço a todos os presentes.

Quero dizer do meu privilégio em subir a tribuna da Câmara Alta para discursar em homenagem ao centenário do nascimento do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. V. Ex^a, Sr. Presidente, e todos os amigos e colaboradores de JK sabem a diferença entre o País que existia antes do Governo JK e o que passou a existir depois.

Peço vênia para citar um ex-Presidente desta Casa, o Senador Antonio Carlos. São dele as palavras: “JK foi o grande responsável pela industrialização brasileira, o homem do Brasil grande, que, com o plano de metas e objetivo desenvolvimentista, mudou a face da Nação, criando as bases de um amanhã feliz para o povo brasileiro”.

O Presidente Juscelino explica, em seu livro **Por que construí Brasília**, as razões por ter empreendido o caminho tão difícil. Diz:

“Enquanto não chega aquela hora neutra, em que todos nós seremos apenas memória, julgo ainda no meu dever explicar o que fiz. O Imperador D. Pedro II, no fecho de um soneto, dizia aguardar a justiça de Deus na voz da História. Na verdade, ao verificar que minha obra maior teve o seu prosseguimento natural em benefício exclusivo do Brasil, dou-me por bem pago de todas as lutas que travei. O importante, numa batalha, não são os mortos, os feridos, mas a praça conquistada”.

Brasília é um sonho que atravessa constituições e muitas crises. Figura até mesmo nos ideais dos inconfidentes mineiros. Transformou-se numa possível realidade no primeiro comício da campanha presidencial, no dia 04 de abril de 1955, na cidade de Jataí. Toniquinho, o apelido de Antonio Soares Neto, aqui presente, perguntou: “Se eleito, JK cumpriria a Constituição e faria a transferência da capital para o Planalto Central?”. A resposta, positiva, provocou delírio da platéia, pequena, tímida, desacostumada a receber candidatos à Presidência

da República. Disso se lembra o Toniquinho, que está aqui conosco. (Palmas.)

Meu abraço ao Toniquinho, que nos acompanha em todos os momentos!

Daquele instante em diante, a epopéia da construção de Brasília vem sendo cantada em prosa e verso. Houve o traço genial de Lúcio Costa, o brasileiro de gestos finos, educadíssimo, irônico, nascido em Paris; da juventude de Oscar Niemeyer; da participação decisiva de Israel Pinheiro e da coragem de Bernardo Sayão. Uma multidão de trabalhadores anônimos acreditou na promessa do Presidente, e a cidade começou a tomar forma.

Juscelino Kubitschek já tinha sido um arrojado prefeito de Belo Horizonte. Lá, entre outras reformas, construiu o lago da Pampulha e colocou nas suas margens a Igreja de São Francisco, um original projeto de Niemeyer, com esculturas de Ceschiatti e desenhos de Portinari. O JK que emerge nacionalmente, após profunda crise institucional, já se tinha provado no exercício da política mineira. Era um homem de iniciativa. Não temia o desafio.

É incrível que esse homem nascido de família pobre, em Diamantina, filho de Dona Júlia, viúva aos 23 anos, tenha se formado em Medicina, exercido seu ofício na Polícia Militar do Estado e reunido as condições para fazer da política o meio de modificar o Brasil. Muitas capitais foram construídas. Brasília não é uma exceção. Exemplos são vários: Constantinopla, Pequim, Madri, Washington, Ottawa, entre outras. Mas a nova capital brasileira era a meta-síntese de um projeto de governo arrojado, destinado a tirar o País do litoral e revelar a seus nacionais os então chamados vazios demográficos.

Abro um rápido parêntese, Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. convidados. Estamos falando de um País de 50 milhões de habitantes. Era esse o universo de JK. A maioria da população vivia nas cidades do litoral. O interior era não apenas longínquo, como, no mais das vezes, inacessível. Viajar por terra de Goiás para o Rio de Janeiro significava um trajeto de meses.

E se Brasília não tivesse sido construída? O que seria do Brasil de hoje? Em que situação de degradação estariam cidades como Rio, São Paulo e Belo Horizonte? Essa é uma pergunta incômoda, que provoca resposta desconfortável. A transferência da capital era, na época, uma necessidade capaz de ferir até os olhos menos sensíveis.

Hoje o Brasil precisa caminhar mais e mais para o noroeste e ocupar as áreas que ainda podem ser chamadas de vazios demográficos. Mas o Presidente dos anos 50 enxergou o que ninguém viu. E transfor-

mou o País. Criou a indústria automobilística e abriu o ciclo de desenvolvimento industrial iniciado em São Paulo. Construiu hidrelétricas pelo País, rasgou o País com asfalto, uniu regiões e permitiu o surgimento de novas cidades. Gerou, enfim, esperanças.

Vale lembrar que o Brasil vinha do trauma brutal do suicídio do Presidente Getúlio Vargas e da deposição de dois sucessores que tentaram o golpe militar. O cenário político era absolutamente adverso. Ele, aliás, enfrentou sublevação de oficiais da Aeronáutica logo ao início de seu mandato. Respondeu com perdão e anistia. JK é, portanto, um exemplo único de perseverança no seu otimismo e na sua fé inquebrantável no futuro deste País.

Nenhum político neste País, com obra assemelhada, passou pelos constrangimentos de Juscelino Kubitschek. Seu sucessor, aquele da vassoura, que prometia varrer a corrupção do Brasil, tentou um desastrado golpe de Estado e renunciou à Presidência da República nove meses após sua posse. Depois vieram os inquéritos militares, as prisões e, finalmente, o exílio. Juscelino foi proibido, inclusive, de visitar Brasília. Ele só foi aqui recebido, de maneira triunfal – e Maristela e Anna Christina Kubitschek lembram-se bem disso –, quando a multidão foi às ruas para levar seu corpo à última morada em agosto de 1976.

Hoje, portanto, Sr. Presidente, Sr. Governador Joaquim Roriz, estamos repetindo Juscelino Kubitschek: “o importante na batalha não são os mortos e os feridos, mas a praça conquistada”. A voz da História se fez presente através desta linha sinuosa que os fatos traçaram ao longo da existência e levaram o Senado a realizar esta sessão solene comemorativa do centenário do nascimento do grande Presidente. Todos os insultos, agressões, provocações e grosserias desceram pelo ralo dos assuntos desimportantes. Restou incólume a obra do estadista. Ele a tudo enfrentou, tendo como defesa apenas sua consciência e sua profunda solidão.

O Brasil é um antes de JK e outro depois dele. A obra é maior do que seus opositores. Eles se apequenaram ao longo dos tempos. Perderam importância. Releva-se a disposição de construir, fazer, convocar a criatividade nacional para o grande salto dos cinquenta anos em cinco. O Centro-Oeste foi descoberto, o Sul uniu-se ao Norte, o Brasil se revelou aos brasileiros. O interior, inacessível e distante, mostrou sua vocação agrícola e industrial. Novas cidades surgiram. Os 120 milhões de brasileiros que nasceram após a Era JK encontraram outros caminhos a seguir dentro do território nacional.

Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. convidados, a obra de Juscelino é perene. Ficará na História do Brasil como marca da capacidade brasileira de criar, trabalhar e cumprir prazos. Trata-se de um ciclo gerado pela inteligência nacional, pela capacidade de antever o futuro. Brasília é a síntese desse momento extremamente rico, tanto na política quanto na administração. Quero chamar a atenção dos senhores e das senhoras aqui presentes para o fato de que estamos reunidos em local que, há pouco mais de quatro décadas, era inabitado, mato puro, região conhecida como vazio demográfico.

Ele previu tudo. Disse que esta solidão, neste Planalto Central, haveria de se transformar no cérebro das altas decisões nacionais. Aqui estamos no Senado da República. Juscelino é tudo isso: o homem que adotou o sorriso e a negociação como marca registrada, a galinha ao molho pardo como prato predileto e a jabuticaba como sobremesa. E entendeu como ninguém que a mania do brasileiro é o desenvolvimento. O povo desta terra é trabalhador e criativo. É capaz de vencer a adversidade. A história faz agora justiça ao grande brasileiro. Esta é a praça conquistada, um lugar de destaque único na memória nacional.

Faço aqui o meu agradecimento. Há uma semana, eu estava no Memorial JK, quando saía uma cavalcada de diamantinenses que vieram a Brasília percorrer um trajeto e que estão hoje chegando a Diamantina. Estava eu naquela solenidade, ao lado de minha mulher, Anna Christina, e do Governador Joaquim Roriz. Tocaram-se músicas, houve aquela cerimônia simpática, naquela manhã bonita, com o céu inigualável de Brasília, e, de repente, senti que duas lágrimas correriam pela minha face e constatei que não eram lágrimas de tristeza, mas, ao contrário, de profunda alegria, alegria de morar nesta cidade. Meu pai e minha mãe, aqui presentes, tiveram a coragem de acreditar no sonho de JK, a exemplo de milhares de brasileiros, o que me trouxe para cá. Fiz a minha vida nesta cidade. Amo esta cidade. Naquele momento, senti que eu não gostava de Brasília, mas sim a amava. Amo muito Brasília! Amo os moradores desta cidade! Amo essa gente gostosa, essa gente candanga! Sou muito grato a Brasília e a Juscelino.

A vida me deu dois filhos, descendentes diretos, nascidos em Brasília. Dois candanguinhos estão aqui, fazendo história nesta cidade. Vou fazer tudo, tudo na minha vida, para defender o desenvolvimento desta cidade. Vou fazer tudo que Deus me der força para tentar consolidar Brasília, como era o sonho de JK.

Muito obrigado a todos por estarem aqui presentes!

Viva Brasília! Viva JK! (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Francelino Pereira) – Convido, agora, o nobre Deputado Paulo Octávio, Presidente da Comissão Comemorativa do Centenário do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, a compor a mesa. É uma oportunidade que lhe estamos concedendo, para que V. Exª possa ficar perto de sua esposa, Anna Christina Kubitschek, de quem anda um pouco distante em razão da campanha eleitoral.

Concedo a palavra ao Senador Lindberg Cury, representante do Distrito Federal.

O SR. LINDBERG CURY (PFL – DF. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente Francelino Pereira, que preside esta solenidade tão importante da comemoração do centenário do grande brasileiro que é Juscelino Kubitschek; Exmº Sr. Governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz; Senador José Alencar; demais Srªs e Srs. Senadores; Srªs e Srs. Deputados; Srs. Ministros e Srs. ex-Ministros, saúdo a Srª Maristela Kubitschek Lopes, filha de JK, e a sua neta, Anna Christina. Cumprimento, enfim, todos os brasilienses que, aqui estão hoje e todos os brasileiros que compareceram a este grande evento.

Confesso que não estava programado um pronunciamento meu. Seria muita ousadia minha, depois de ouvir as palavras do Senador José Alencar e as palavras evocativas, brilhantes e sentimentais do Deputado Paulo Octávio, vir a esta tribuna e acrescentar algo. Entretanto, esta é a palavra de um pioneiro. O ímpeto me trouxe até aqui.

Eu era um jovem ainda, morava naquela região, na cidade de Anápolis, quando pela primeira vez ouvi falar em Juscelino Kubitschek de Oliveira. Ele era Prefeito de Belo Horizonte. Mais tarde, foi Governador de Minas Gerais. Esse homem se candidatou à Presidência da República, enfrentando, naquela época, as maiores forças políticas do nosso País.

Há quatro anos, fui conhecer, em Jataí, o local onde se fez o memorável comício em que o irrequeto e também audacioso Toniquinho, aqui presente, perguntou a Juscelino se ele iria cumprir a Constituição. Ele disse: “Sim, vou cumprir”. Toniquinho perguntou: “O senhor vai construir uma nova cidade no interior de Goiás?”. Ele disse: “Sim”. Naquela noite, houve uma chuva, uma chuva de bênçãos, e a pequena população que ali estava adentrou uma oficina mecânica, onde ele continuou a fazer um dos seus primeiros comícios para a sua candidatura à Presidência da República.

Como eu disse, eu morava em Anápolis. Via passar aquelas grandes máquinas, poderosas para a época. Havia um movimento enorme. Tive a curiosi-

dade de vir, por volta de 1957, pela primeira vez, a Brasília. Nós nos levantamos às cinco horas da manhã e viemos num caminhão. Passamos por Corumbá de Goiás, por Brazlândia – que era apenas uma rua, onde havia um ponto de parada – e chegamos a Brasília por volta de dezessete ou dezoito horas.

Era uma miscigenação de raças, com gente de toda parte. Havia algo muito interessante: um sentimento de criar uma nova pátria. Eu, jovem, movido por esse sentimento, resolvi também vir para Brasília. Nessa ocasião, tive o privilégio de fornecer, para as primeiras companhias construtoras que aqui se instalavam, nos seus acampamentos, gêneros alimentícios, já que meu pai tinha um armazém na cidade de Anápolis. Eu vinha aqui entregar as mercadorias. Cada vez que eu fazia essa entrega, esse sentimento de brasileiro se apoderava de mim.

Mudou o sentimento do nosso País. Houve uma transformação em torno desse objetivo de criar uma nova capital no centro do nosso País. Creio eu que muitos fizeram a mesma coisa.

Talvez um jovem de Luziânia, que começava, timidamente, uma campanha política, jamais imaginasse que um dia seria Governador de Brasília. Refiro-me, é claro, ao Governador Joaquim Roriz. Acredito que muitos que aqui estão e chegaram a esta cidade nas primeiras horas, como o amigo Gilberto Amaral, Osório Adriano e tantos outros, também pensavam assim. Eu mesmo, simples estudante da cidade de Anápolis, jamais imaginei um dia estar na tribuna mais nobre do nosso País, e o que é mais importante, para falar sobre Juscelino.

Vi as primeiras máquinas marcarem, em forma de cruz, o plano urbanístico de Brasília. Muitos acreditaram, poucos duvidaram da construção da capital. E Brasília foi crescendo. Lutávamos com todo denodo e com coragem para que Brasília fosse à frente.

Posteriormente, surgiu o “movimento das vassouras e das vassouradas” apregoando que a capital do Brasil deveria voltar a ser o Rio de Janeiro. Havíamos depositado nossas esperanças nesta capital. Foram os aventureiros que criaram Brasília – os nordestinos, a maioria, os goianos, os mineiros. As grandes empresas paulistas aqui não chegaram. Paulistas e pessoas de outros Estados chegaram após o início da construção de Brasília.

A linha majestosa e arredondada de Oscar Niemeyer e o plano urbanístico de Brasília retratavam um novo modelo de habitação. A obra de Lúcio Costa serviu de inspiração para outras cidades do mundo. Oscar Niemeyer construiu, nas partes principais do mundo árabe, novas capitais. Seu projeto é marcante. Estive em Catar,

representando o Congresso Nacional numa missão das Organizações Mundiais do Comércio, e vi projetos de Oscar Niemeyer voltados para a criação de uma nova cidade destinada a ser o centro de desenvolvimento, o centro político daquela capital.

Brasília foi fruto de uma determinação. Juscelino Kubitschek foi um ousado e determinado Presidente. É incrível como se pode fazer uma cidade em três anos! É incrível como se pode convencer a população brasileira a vir para o coração do Brasil! Além de muito patriotismo, era preciso acreditar nesse Presidente, ousado e destemido, que fez com que tudo se realizasse. Hoje, Brasília é uma cidade privilegiada.

Meus amigos, Brasília foi construída. Veio a revolução. Eu estava na Presidência da Associação Comercial quando surgiu o movimento da luta pela democracia. Sofri punições e fui chamado diversas vezes ao SNI. Entretanto, a verdade deve ser dita: o movimento revolucionário realmente consolidou Brasília como a Capital Federal. É preciso reconhecer esse mérito.

Sr. Presidente, Sr. Governador, Srs. Parlamentares, todos já falaram sobre Juscelino, mas eu ainda queria registrar um momento meu de extrema felicidade. Quis o destino que um dia eu fosse ao Banco do Brasil visitar a Carteira Agrícola para tratar de um problema. Lá estava o Dr. Antônio Álvares. Qual não foi a minha surpresa quando encontrei também o Presidente Juscelino Kubitschek. Ao ser solicitado a comparecer à Presidência, o Dr. Antônio Álvares chamou-me num canto e perguntou: “Você poderia fazer companhia ao Presidente Juscelino?” Respondi: “Com toda a honra e com toda a emoção”. Eu nunca tive a oportunidade de encontrar-me com Juscelino. Nos primeiros anos de Brasília, a multidão não me deixava aproximar desse homem que eu tanto admirava para dar-lhe um abraço. Porém, fiquei ao seu lado numa sala. A reunião da Diretoria com a Presidência do Banco do Brasil demorou cerca de duas horas e foi um privilégio que Deus me deu em minha vida. Aquele homem com 73 anos era o mesmo cidadão corajoso, objetivo e otimista que delirava com o novo capim de sua fazenda em Luziânia. O homem que construiu a maior Capital do mundo vivia com o mesmo entusiasmo a construção de uma pequena fazenda. Saí de lá todo emocionado, com lágrimas nos olhos.

Hoje, agradeço a Deus por aqueles momentos de felicidade. Percebi que aquele homem não tinha mágoa de ninguém. Ele não criticou, em nenhum momento, o que lhe fizeram de injustiça. Foi o homem da industrialização, da rodovia Belém-Brasília, das hidrelétricas, de Brasília e da abertura de um novo mundo para esta Ca-

pital. Também não elogiou suas obras, mas disse que tinha muitas saudades de Brasília.

Pouco tempo depois, morreu o maior estadista que já houve em Brasília. (Palmas.) E o maior movimento da população foi acompanhá-lo até lá.

Sr. Presidente, agradeço a V. Ex^a por esta oportunidade. Eu tinha que registrar, neste momento, o testemunho de um pioneiro, de quem veio para cá e viu o cerrado transformar-se num grande centro de desenvolvimento e das decisões nacionais.

Muito obrigado, Sr. Presidente. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Francelino Pereira) – Concedo a palavra ao nobre Deputado Paes Landim.

O SR. PAES LANDIM (PFL – PI. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente, Sr. Governador de Brasília, Sr^a Maristela Kubitschek e demais familiares do ex-Presidente aqui presentes, Dr. Ronaldo Costa Couto, eminente historiador e biógrafo de Juscelino Kubitschek, Sr. Embaixador Marcelo Jardim, Sr^a Ministra Anadyr Mendonça, Srs. Deputados e Srs. Senadores, minhas senhoras e meus senhores, saúdo todos na pessoa de um bravo mineiro, o nosso ex-colega Reitor João Herculino.

A Câmara dos Deputados havia requerido uma sessão em homenagem ao Presidente Kubitschek, cuja data, em princípio, indagava-se se seria antes ou depois de setembro. Com a decisão do Senado Federal de realizá-la no dia exato do centenário de nascimento de JK, o Presidente Aécio Neves designou-me para falar em nome da Câmara, razão disso, interrompi minha campanha e cheguei hoje do Piauí para estar presente a esta solenidade.

O Senador José Alencar descreveu muito bem a trajetória de Kubitschek, seus passos iniciais, mas omitiu um traço interessante, contado pelo saudoso Austregésilo de Athayde em suas memórias. Em conversa com o reitor do Seminário de Diamantina, este lhe contou que, um dia, chegou lá Dona Júlia, viúva, com um salário modesto de professora, pedindo-lhe que aceitasse o filho no seminário. Juscelino tinha uma vontade louca de estudar, de aprender e vivia sempre em contato com livros. E o reitor não teve dúvidas em aceitar o pedido de Dona Júlia, porque notou naquele jovem uma curiosidade imensa. E aí começa a trajetória histórica do Presidente Kubitschek, sobretudo a trajetória da determinação.

O saudoso Senador Roberto Campos, em suas memórias, conta um traço significativo da personalidade de Juscelino Kubitschek. Em sua posse, o Vice-Presidente Richard Nixon veio representar os Estados Unidos aqui no Brasil. Ali mesmo, na solenidade de posse, convidou o Vice-Presidente Nixon – que depois seria

Presidente dos Estados Unidos – ao visitar Volta Redonda no dia seguinte, pois tinha um projeto de expandir a siderurgia no Brasil e precisava de um empréstimo para que se iniciasse imediatamente seu Plano de Metas nesse campo. O Vice-Presidente Nixon aceitou o convite, e, no dia seguinte, viajaram juntos o Vice-Presidente Nixon, o Presidente Kubitschek, Roberto Campos, Lucas Lopes e Cleantho de Paiva Leite, em um avião DC-3. Kubitschek então sempre cercado do que havia de melhor na inteligência nacional. Ali mesmo, convenceu o Vice-Presidente Nixon a ligar para Washington, e assim se conseguiu o primeiro grande empréstimo internacional para o Brasil. Esse era um traço marcante da sua personalidade.

Foi um grande Governador de Minas. Gostaria de registrar as palavras ditas no livro do Embaixador Aluizio Napoleão – pai do Governador do meu Estado, Hugo Napoleão –, que foi Chefe de Cerimonial do Presidente Juscelino Kubitschek: “Juscelino era um homem impregnado de uma visão permanente de futuro”. Essa era a marca registrada de Juscelino Kubitschek, tão bem enfatizada aqui pelo Senador José Alencar.

Quando Juscelino candidatou-se à Presidência da República, houve um comício em Teresina. Ao saudá-lo, o então Deputado Hugo Napoleão, avô do atual Governador do Piauí, com muita propriedade, dizia algo para o qual nem Minas Gerais nem o País, talvez, tenham atentado: o Governo de Juscelino causou tanto impacto na sociedade brasileira, em todos os níveis, que se esqueceram das revoluções cultural, social, econômica e até política introduzidas por ele em Minas Gerais. O Deputado Hugo Napoleão foi muito feliz ao saudá-lo naquele comício, pois expressou bem a confiança depositada pelo Brasil naquele administrador moço, então Governador de Minas Gerais. Dizia Napoleão que “Juscelino sacudira o marasmo das montanhas mineiras, perfurando-lhes as entranhas em busca de minério, represando suas águas para transformá-las em fontes de energia, rasgando-lhes as encostas para nelas construir estradas que conduzissem às suas riquezas, cumprindo, assim, seu próprio programa de governo”.

Juscelino Kubitschek traçou a meta do Governo de Minas Gerais: energia e transporte. Não quero me alongar sobre suas obras em Minas, mas cito apenas Três Marias e depois Furnas, a maior usina hidrelétrica da América Latina de seu tempo.

Esse governo impactante, então, lançou logo o Programa de Metas, convidando, para participar dele, o melhor elenco do Brasil, formado por aqueles nomes que citei há pouco. Aliás, o nome inicial era Planejamento de Metas, e não Programa de Metas. Ro-

berto Campos teve uma reunião com ele e disse: “Presidente, eu aconselharia a falar em ‘programação’”. Kubitschek, como se percebe da sua personalidade e da sua biografia, era um homem que ouvia bem, um homem agitado, impaciente, que queria sempre realizar, mas detentor de uma capacidade fantástica, que só os estadistas têm, que é a humildade de ouvir e de tentar aprender. E Juscelino aceitou a ponderação de Roberto Campos.

Faço um parêntese para falar de outro fato interessante, a criação da Universidade de Brasília. Havia vários argumentos contrários e a favor da criação da Universidade de Brasília em 1960, na inauguração da cidade. E Kubitschek ouvia todos. Alguém dizia: “Presidente, para que uma Universidade de Brasília logo no começo? O movimento estudantil é acentuatadamente radical, pode criar problemas para a consolidação de Brasília.” Mas Juscelino atentou para as palavras de Victor Nunes Leal, seu grande chefe de gabinete civil, que foi nomeado para o Supremo Tribunal Federal, e junto com Pedro Lessa – talvez tenham sido os dois maiores ministros da Suprema Corte do século XX deste País. Kubitschek sempre tinha por perto as maiores figuras do País, em todos os setores. Foram seus chefes da Casa Civil tanto o grande Victor Nunes Leal como José Rodrigues Sette Câmara, embaixador fantástico que o Brasil teve. Pois bem, Victor Nunes Leal contou a Juscelino uma história interessante, registrada. O presidente Thomas Jefferson, grande autor da Declaração da Independência dos Estados Unidos, o seu grande pró-homem da República, dissera que não desejava que, no seu túmulo, estivesse inscrito “o homem que ajudou a criar os Estados Unidos”, “o homem que declarou a independência dos Estados Unidos” ou “homem que foi o Presidente dos Estados Unidos”. Não! Ele só queria esta frase: “Foi o fundador da Universidade da Virgínia”. O estadista Jefferson achava que a Universidade da Virgínia, no centro de decisão dos Estados Unidos, era fundamental para criar uma elite pensante naquele país.

Kubitschek autorizou, então, a criação da Universidade de Brasília. E foi Santiago Dantas, outro grande gênio do Direito brasileiro – ele se cercava sempre do que havia de melhor no País –, que, a seu pedido, redigiu o projeto de lei de criação da Universidade de Brasília.

Portanto, esse homem fantástico tinha no trabalho a sua opção diária. Já no dia seguinte à sua posse, às sete horas da manhã, sobrevoava Volta Redonda. Transformou o Brasil, um país agrário, num grande país moderno.

Hélio Jaguaribe tem, nesse sentido, uma observação interessante. Diz que este País tem dois marcos im-

portantes, dois homens de Estado fundamentais na sua história: João VI, que criou o Estado Brasileiro. Com o impacto da sua mudança para o Brasil, forçado pelos acontecimentos europeus, criou uma infra-estrutura básica em todos os níveis, que gerou a independência do Brasil, gerou o Império e gerou o Estado brasileiro. Outro homem foi Kubitschek, que deu a dimensão da industrialização, alterou realmente a face agrária do Brasil, estabeleceu mudanças modernizadoras, sobretudo na área da industrialização, criando um fato interessante que o Brasil não conhecia: o capital de risco. Trouxe o capital de risco para o Brasil, como sócio do progresso, do desenvolvimento brasileiro não só para a siderurgia, mas para os setores elétrico, automobilístico, petroquímico, etc.

Qual o setor que Kubitschek não revolucionou? O próprio Roberto Campos foi por ele designado coordenador, por sugestão do próprio Roberto, para criar o primeiro centro no Brasil de estudo – o primeiro grupo de trabalho – para a criação de uma indústria da área de computação.

Vejam bem: Juscelino Kubitschek, já nos anos 50, quando se principia a revolução da informática, criava o primeiro grupo de trabalho para estudar a instalação de computadores na indústria de informática no Brasil. O presidente do grupo de trabalho foi Roberto Campos, que foi presidente do BNDES.

O mais importante era sua capacidade de unir a sabedoria – política e a técnica em seu governo. O nosso saudoso Milton Campos tinha uma frase que gosto de repetir sempre: “os técnicos têm o saber e os políticos têm a sabedoria”. Kubitschek tinha a sabedoria do grande político. Homem predestinado para a política e para o futuro, tinha o bom senso de estar ao lado dos que detinham o saber, a técnica do conhecimento. Tinha de fazer composições políticas, era um gênio político. Para fazer as composições de seu ministério, tinha de chamar as forças políticas, para integrar seu Ministério. Mesmo assim escolhia ministros do mais alto coturno

Não posso deixar de prestar minha homenagem a Amaral Peixoto, nosso grande embaixador em Washington. O embaixador com quem tive a honra de trabalhar dizia: “Eu nunca vi os salões de Washington receber as maiores figuras do meu tempo quando no tempo do ex-Embaixador Amaral Peixoto”. Era um homem de visão de Estado, de visão internacional, dos problemas do mundo e do Brasil.

Pois bem, esse homem fantástico que era Juscelino Kubitschek tinha visão de futuro. Podemos ver como ele enfrentou os problemas do Nordeste, como era a sua percepção do Nordeste. Quando foi fazer

um comício em Campina Grande, ficou impressionado com a pobreza do Nordeste, com seu sofrimento. Uma de suas primeiras providências foi exatamente criar um mecanismo operacional para o Nordeste. Aproveitou a reunião de bispos exatamente em Campina Grande, com os bispos do Nordeste, e lançou a Sudene, um organismo que deveria aproveitar a irrigação como instrumento decisivo para salvar o Nordeste. O exemplo de Petrolina tem a semente em Kubitschek, mas seu projeto não teve prosseguimento.

A Sudene, depois, mudou de planos, não teve o condão certeza de aproveitar a construção dos açudes que Kubitschek fez para o Nordeste, no caso do Açude Orós, e transformá-los nos grandes centros de irrigação, de transformar os rios temporários do Nordeste, que desaparecem com a seca e se avolumam com as águas, em rios perenes.

Infelizmente, essa idéia não foi seguida, mas Kubitschek teve esse dom, efetivamente, de tentar projetar o Nordeste numa sistemática de irrigação que pudesse proporcionar exatamente a mudança da sua estrutura econômica e da sua estrutura agrária. Inclusive, era a melhor maneira que ele imaginava de combater o latifúndio, porque, por meio da irrigação, ele criaria os pequenos produtores rurais, porque são esses realmente que dão base ao crescimento econômico das sociedades modernas.

O Hélio Jaguaribe tem toda razão. Existiu o Brasil de Dom João VI e, a partir de 1960, o Brasil de Juscelino Kubitschek, o Brasil da era moderna, o Brasil do compromisso com a industrialização e, sobretudo, o Brasil que sabe que, sem capital estrangeiro, sem tecnologia de fora, não se poderia modernizar.

Sr. Presidente, sobre o Nordeste que muito me toca, Juscelino, com sua visão, cria os primeiros estudos e manda fazer licitação para a instalação da usina hidrelétrica de Boa Esperança, que alimenta o Piauí e o Maranhão. Vejam que percepção fantástica: nos seus últimos atos de Governo, Juscelino fez licitação da barragem de Boa Esperança, no rio Parnaíba.

Também foi de sua inspiração o decreto presidencial que criou o grupo de trabalho para estudar o Vale do Parnaíba, talvez até pensando em criar a Companhia do Vale do Parnaíba, a exemplo da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco. O Parnaíba era o segundo rio do Nordeste e hoje está morrendo, exatamente por falta de uma política pública de revitalização de suas águas e do aproveitamento fantástico de seu leito, de suas margens. Essa visão de Kubitschek também não foi seguida, o que causa transtornos imensos ao Nordeste de hoje.

Sr. Presidente, igualmente não posso deixar de falar de seu grande plano rodoviário, de sua meta rodoviária de transformar Brasília num grande cruzeiro rodoviário, de ligação com todo o País, de Norte a Sul, de Leste a Oeste. A Belém-Brasília está aí, mas Juscelino chamava de estrada da integração nacional a esquecida rodovia Fortaleza-Brasília, a chamada BR-020.

Lamentou que sua única meta rodoviária não cumprida foi ligar o sertão à alma moderna de Brasília. Essa estrada que adentra nos sertões do Piauí, da Bahia e do Ceará está construída apenas de Brasília a Barreiras e de Picos a Fortaleza. E há o grande vazio de 500 quilômetros. O Senhor Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, há cerca de dois anos, quando foi visitar, em São Raimundo Nonato, no Piauí, o Parque Nacional da Serra da Capivara, rasgado pela BR-020, dizia: “Meu compromisso, exatamente, é dar seguimento a essa grande obra de Juscelino Kubitschek. Ele a chamava de “a estrada da integração nacional”. Evidentemente, a burocracia, às vezes, não segue os ditames do Presidente da República.

Juscelino lamenta, em suas memórias, essa meta não ter sido cumprida. Foi uma visão fantástica. Pretendia exatamente ligar o sertão à Brasília, segundo suas palavras, “a alma moderna de Brasília” e conscientizar os sertanejos da importância de estar em contato com inovação política e cultural da capital da República. Esse compromisso do Presidente, infelizmente, não tem sido devidamente cumprido. A burocracia do Ministério do Planejamento não conhece o Brasil real.

Sr. Presidente, é impossível falar de Juscelino sem referir-me à cientista política Maria Victoria de Mesquita Benevides, autora do clássico mais completo sobre o seu governo como Presidente da República. A esta deve-se a síntese mais perfeita de sua obra de estadista, representada pelo subtítulo de seu próprio trabalho: **Desenvolvimento Econômico e Estabilidade Política**.

Com ela concorda seu prefaciador, o atual Ministro Celso Lafer, cuja dissertação de mestrado – escrita há 20 anos – sobre o Plano de Metas acaba de ser publicada, integrando as comemorações do centenário do ex-Presidente.

As palavras do chanceler Celso Lafer falam por si: “O Governo JK foi um governo que conseguiu, conjunturalmente, compatibilizar desenvolvimento econômico com desenvolvimento político, definindo-se este como a aferição da capacidade de um sistema de tomar decisões, de implementá-lo com sucesso e de conseguir um apreciável consenso sobre o sentido de sua gestão da sociedade”.

Hélio Jaguaribe, em outro clássico livro tão conhecido, **Desenvolvimento Econômico e Desenvolvimento Político**, concorda com a tese. E a respeito dela se manifestaram outros consagrados autores, como o brasilianista Thomas Skidmore, o economista Luís Carlos Bresser Pereira e a professora Miriam Cardoso em sua tese de doutoramento.

O Jornal **O Globo** de hoje, por coincidência, traz uma entrevista com a pesquisadora da Fundação Getúlio Vargas, Ângela de Castro Gomes, que não poderia deixar de citar, **en passant**, antes da minha conclusão. A pesquisadora fala que o Governo Kubitschek foi de oportunidades e de esperanças. O repórter de **O Globo** pergunta: “E agora que o regime militar passou e já temos 17 anos de experiência democrática? Por que esse mito de Kubitschek persiste? Ao que ela responde: “O Brasil dos anos 50, comparado aos dias de hoje em termos de qualquer índice, era pior. Mas a imagem que ficou era de um período melhor, na medida em que está associado ao desenvolvimento. Na Era JK, o País cresceu, o valor do salário mínimo era bom. O trabalhador com o salário mínimo vivia melhor do que o trabalhador que recebe o mesmo valor nos dias de hoje. E, o que é melhor: esse projeto de país foi experimentado pela população”.

Poucos cidadãos deste País granjearam em vida tantos méritos e acumularam tantos créditos o imaginário popular na apreciação justa da crítica e no julgamento de seus concidadãos quanto o político cuja morte todo o Brasil pranteou e cuja memória todos nós temos o dever de cultuar como exemplo do padrão político, da cultura cívica e de devotamento à pátria.

Juscelino Kubitschek repousa não só no monumento que a gratidão dos brasileiros lhe ergueu aqui, neste ermo por ele transformado em centro das decisões nacionais, para usar suas próprias palavras. Repousa, sobretudo, na memória coletiva, marco que é da história política contemporânea de nosso País. Mais do que isso, porém, sua personalidade habita a mente e o coração dos brasileiros, que ele conquistou para sempre pela obra que empreendeu, pela generosidade que nos ensinou a praticar e pela democracia que cultuou como sinal de respeito ao seu povo e à Nação que tão brilhantemente governou.

Juscelino, Sr. Presidente, Sras e Srs. Congressistas, não é só um marco de nossa história. É um símbolo de nossa cultura política, de nossa cultura cívica e do permanente afã brasileiro em busca de justiça, dignidade e desenvolvimento. Somos talvez um dos poucos países em que o desenvolvimento tem nome e sobrenome. No Brasil, esse conceito atende pelo nome de Juscelino Kubitschek de Oliveira. A ele devemos o tributo de

nossa admiração, o penhor de nosso respeito e o preito de nossa imperecível estima.

Esta, Sr. Presidente, a mais humilde, mas também a mais sincera das homenagens que, em nome de meu Partido e da Câmara dos Deputados, eu poderia lhe prestar.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Francelino Pereira) – O tempo se esgota, mas concedo a palavra ao nobre Deputado Geraldo Magela.

O SR. GERALDO MAGELA (PT – DF. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Exmº Sr. Presidente, Senador Francelino Pereira, Exmº Sr. Governador Joaquim Roriz, Exmº Sr. Senador José de Alencar, Exmº Sr. Deputado Paulo Octávio, Srª Anna Christina e Srª Maristela Kubitschek, Sras e Srs. Senadores, Sras e Srs. Deputados, senhores e senhoras, saúdo especialmente o Dr. Ronaldo Costa Couto, historiador que nos honra com a sua presença.

Sr. Presidente, quero, inicialmente, dizer que falo aqui em nome do Partido dos Trabalhadores, das nossas Bancadas no Senado Federal e na Câmara dos Deputados, e, certamente, muito pouco teria a acrescentar ao que aqui já foi dito pelos Senadores José Alencar e Lindberg Cury, pelos Srs. Deputados Paulo Octávio e Paes Landim, até porque não teria nem a competência, nem o brilhantismo dos que me antecederam para falar sobre JK.

Mas quero ressaltar aqui que nós, do Partido dos Trabalhadores, homenageamos o centenário do nascimento de Juscelino Kubitschek por várias razões: pelo empreendedorismo que representou esse político para o nosso País, pela característica que ele trouxe à política da coragem, da determinação. Porém, há duas características que faço questão de ressaltar, porque a nós, do Partido dos Trabalhadores, nos são muito caras.

A primeira delas é o apego ao planejamento, à visão de que governar é, sobretudo, ter a capacidade de planejar, de fazer, hoje, um planejamento para o futuro, ligando as ações que qualquer governo possa fazer no momento em que governa a uma realidade que se prevê para os tempos vindouros.

E Juscelino teve muita capacidade para fazer isso. Não apenas com seu Plano de Metas, mas com suas ações de planejamento, sua visão de que qualquer ato que executasse no Governo repercutiria no futuro. Mas, Sr. Presidente, há uma característica que nós do Partido dos Trabalhadores temos como muito valiosa: um homem como ele, que passou por diversos cargos, até o mais elevado da República deste

País, que empreendeu um projeto de desenvolvimento e que construiu esta Capital com sua visão futurista pôde ser enterrado com todas as honras merecidas por um homem público, mas, sobretudo, com a maior delas: a de ter passado pela política e não ter qualquer mancha que pudesse atacar sua honra, atacar a lisura com que coordenou os governos.

Sem dúvida nenhuma, se podemos falar de Juscelino como empreendedor, como homem de visão de futuro e como planejador, certamente podemos aplaudi-lo. Você, Maristela, como filha, e Anna Christina, como neta, podem se orgulhar, porque ele passa para a história como um dos políticos mais éticos que este País já teve.

Essa é uma das razões que nos leva firmemente a homenageá-lo, em nome do Partido dos Trabalhadores, pelo que ele fez e, principalmente, pelo que ele foi.

Parabéns!

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Francelino Pereira) – Concedo a palavra ao último orador inscrito, Deputado José Antonio Almeida.

O SR. JOSÉ ANTONIO ALMEIDA (Bloco/PSB – MA. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Francelino Pereira; Senador José Alencar; Sr. Governador Joaquim Roriz; Sr. Deputado Paulo Octávio; eminentes filha e neta de Juscelino Kubitschek de Oliveira, nosso homenageado; Srs. Senadores e Deputados; ilustres convidados e autoridades aqui presentes, Dr. Ronaldo Costa Couto; minhas senhoras e meus senhores.

O ano, Sr. Presidente, era 1968. Registro possivelmente a última visita de Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira à minha terra natal, São Luís do Maranhão.

A História menciona esse episódio destacando apenas um discurso veemente do então Governador do Estado, o hoje Senador José Sarney, em defesa daquele político cassado, que S. Exª denominou o maior Presidente que o Brasil já teve.

Mas eu também, Sr. Presidente, tive a honra de testemunhar essa visita. Então com 14 anos, eu dirigia um jornal estudantil em minha terra intitulado **Alvorada**, criado em 1968, época em que havia um movimento estudantil no País; jornal esse elaborado por estudantes de um grêmio estudantil, um grêmio cultural, como naquele tempo se exigia dizer – o grêmio dos colégios precisava ser cultural.

Esse jornal fez uma pesquisa no seu primeiro número: Movimento estudantil: subversão ou reforma? Ou-

vimos várias figuras brasileiras, não somente maranhenses, colocando lado a lado, nas páginas, os que eram a favor daquele movimento e os que eram a favor da manutenção da ordem, como o comandante do Exército na minha cidade, do 24º Batalhão de Caçadores.

O sucesso daquele jornal estudantil chamou a atenção da cidade e precisava ter um seguimento à altura. E não havia nada mais à altura do que entrevistar Juscelino Kubitschek de Oliveira. Fizemos contato com o Deputado Renato Archer, responsável pela ida de Juscelino ao Maranhão, e ele nos disse que conseguiria uma entrevista dos estudantes com “o nosso Presidente”, como ele chamava o Presidente Juscelino. Mas ele mesmo não poderia estar lá, porque teria de vir a Brasília para votar, exatamente quando Juscelino estaria no Maranhão, o processo que pedia licença da Câmara dos Deputados para processar o Deputado Márcio Moreira Alves. Foi nesse momento, Sr. Presidente, Srs. Congressistas, minhas senhoras, meus senhores, que tive a honra suprema de conhecer pessoalmente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Estudante de 14 anos, pouco sabia eu da História do Brasil, pelo menos da história recente, que não se estudava com muito afincio naquele momento. Eu sabia, pelo que ouvia em casa, que tinha havido dois grandes presidentes no Brasil: Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek. Mas ali não se tratava de ex-Presidente, nem de um político cassado. Estava ali, no Clube Recreativo Jaguaré, o local onde nos encontramos com Juscelino, um ídolo da Nação brasileira. Todas as pessoas presentes estavam emocionadas – como eu, que assim também me encontro agora – por ver a figura de quem construiu não só Brasília, mas o Brasil de hoje, de modo afável, atendendo a todos e se desdobrando pelos enormes compromissos que tinha marcado naquele dia em São Luís do Maranhão.

Recordo-me, Sr. Presidente, Srs. Congressistas, da última pergunta que passei, como entrevistador, a Juscelino Kubitschek: Para o senhor, o que significa a palavra “Alvorada” no presente, no passado e no futuro? Logo depois desse episódio, foi editado, como todos sabemos hoje, o AI-5, seguido pela prisão de Juscelino Kubitschek. A partir daí, o ginásio e o depois acadêmico de Direito nunca mais perdeu de vista a trajetória de Juscelino.

Para encerrar, Sr. Presidente, devido ao adiantado da hora e à emoção, quero lembrar apenas – porque não pude preparar um discurso escrito, o que nesses momentos de campanha é muito difícil – uma citação, sem a preocupação de ser textual, de um dos grandes amigos de Juscelino, o meu conterrâneo e escritor Josué Montelo. Josué, em momento de con-

sagração de Juscelino pelo povo brasileiro, que o carregou até o túmulo, referindo-se ao episódio da única eleição que ele não venceu, a eleição da Academia Brasileira de Letras, disse o seguinte, Sr. Presidente: “Fui um dos que quiseram dar-lhe, em vida, a glória de pertencer à Academia. Agora, com a sua morte, vejo que a glória dele é que nos faz falta”.

Muito obrigado, Sr. Presidente. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Francelino Pereira) – Os Srs. Senadores Arlindo Porto e Valmir Amaral enviaram à Mesa pronunciamentos em homenagem a Juscelino Kubitschek, para serem publicados na forma do disposto no art. 203 do Regimento Interno.

S. Ex^{as} serão atendidos.

O SR. ARLINDO PORTO (PTB – MG) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Congressistas, os anos do Governo de Juscelino Kubitschek foram especiais. Foram os nossos anos dourados; momentos de realização e esperança. Momentos de criatividade e renovação artística, de fé no País; momentos de sucesso na economia, tolerância e paz política; momentos em que, do nada, construiu-se uma capital; momentos em que Juscelino, como Presidente, teve um sonho e não teve medo de torná-lo realidade; momentos em que o Brasil viu que era possível ser uma democracia e ser uma potência econômica.

Neste ano de 2002, Juscelino Kubitschek faria cem anos. Juntamo-nos, assim, a milhões de pessoas que, no Brasil e no mundo, prestam homenagem ao centenário de seu nascimento. Trata-se, é nossa convicção, de uma ocasião ímpar para rememorarmos os sonhos e as realizações desse brasileiro exemplar, que, com visão e arrojo excepcionais, transformou a economia, a política e mesmo a geografia de nosso País.

A aptidão de Juscelino para a conciliação política, adicionada ao seu arrojo empreendedor, fazem do político mineiro uma referência na democracia nacional e um símbolo de estadista visionário na busca do desenvolvimento. Com efeito, Sr^{as}. e Srs. Congressistas, o quinquênio do Governo JK caracterizou-se por notável aceleração do desenvolvimento econômico. O ideal nacional-desenvolvimentista de Juscelino transformou a realidade industrial brasileira, com a implantação das indústrias de bens de consumo duráveis e de bens de produção. A mudança da capital federal para Brasília denota a importância que Juscelino conferiu à unificação – econômica e social – do território do País. Foi este o sentido a balizar, por exemplo, a criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), em 1959: o propósito deliberado de atenuar as acentuadas disparida-

des regionais, em benefício da integração nacional. Na seara política, a revolta de alguns oficiais da Aeronáutica que caracteriza o episódio de Jacareacanga demonstrou, logo no início do mandato presidencial, o tom firme – mas moderado e conciliador – de Juscelino na condução da política brasileira.

Antes de Juscelino, a economia brasileira, essencialmente rural, dava seus primeiros passos rumo à industrialização. Era apenas metade da indiana, um terço da italiana, trigésima quinta parte da norte-americana. Mesmo quando comparada com a dos vizinhos argentinos, apresentava-se bastante modesta. Juscelino lançou ambiciosa e ousada política econômica delineada em seu Programa de Metas. Este, inspirado pelo **slogan** “cinquenta anos em cinco”, abrangia trinta e um objetivos, distribuídos em seis grandes grupos: energia, transportes, alimentação, indústria de base, educação e, a meta-síntese, a construção de Brasília. O Programa de Metas combinou, por meio da coordenação de Grupos Executivos, a ação do Estado, de empresas privadas nacionais e de empresas estrangeiras. Estas últimas foram as responsáveis por trazer para nosso País tecnologia e conhecimento industrial. Os resultados foram impressionantes: o Produto Interno Bruto brasileiro cresceu, durante seu Governo, em média 7% ao ano, e a renda **per capita**, quase 4%. Do nada, foi implantada a indústria automobilística, que, em 1961, já produzia cento e trinta e três mil veículos por ano. O valor da produção industrial cresceu 80%, com alguns setores, como aço, indústria mecânica, eletricidade e comunicações e material de transporte alcançando as espantosas taxas entre 100% e 600%! Juscelino rasgou o território nacional, construindo vinte mil quilômetros de rodovias e oitocentos quilômetros de ferrovias. Ciente das necessidades energéticas do País ergueu as usinas hidrelétricas de Furnas e de Três Marias. Se isso não bastasse, criou as usinas siderúrgicas Cosipa e Usiminas.

Os custos, em comparação com os resultados, foram menores do que disseram seus críticos. Nada que comprometesse perigosamente o País e que não pudesse ser gerenciado. Juscelino disse, certa vez, que Deus o poupou do sentimento do medo. Nada mais verdadeiro. Com coragem e ousadia, Juscelino agiu decisivamente para tirar o Brasil da estagnação econômica e transformá-lo em moderna Nação industrial.

Também no campo político, Juscelino possuía um modo todo original de agir. Ulysses Guimarães, Presidente da Câmara dos Deputados durante o Governo JK, disse, certa vez, que “a vida pública se faz com felicidade e alegria, e Juscelino era um homem

feliz e alegre”. Esse era exatamente o estilo de JK. A facilidade com que conquistava as pessoas era assombrosa. Adorava cantar e dançar. Quando vinha a Brasília visitar as obras da nova capital, chamava pelo nome os operários, os seus queridos “candangos”. Era tão diplomático que, mesmo nutrido grande simpatia pelo time do Cruzeiro, não recusou o convite para ser conselheiro do arqui-rival Atlético.

Seu charme e seu bom humor, aliados a sua competência administrativa e a sua matreirice política, foram as marcas de todos os cargos públicos que ocupou. E essas mesmas características foram responsáveis pelo sucesso com que conduziu seu Governo, em meio a facções que constantemente tentaram desestabilizá-lo. Continuam vivos em nossa memória, Sr. Presidente, episódios em que Juscelino demonstrou toda a sua magnanimidade, sua boa vontade e seu poder de conciliação. Lembramo-nos de como anistiou os oficiais da Aeronáutica que tentaram impedir sua posse e de como resolveu, em conversa de gabinete, a revolta estudantil de maio de 1956.

Sendo assim, desde o início de seu Governo, Juscelino percebeu que sua estratégia só poderia ser uma: manobrar cuidadosamente entre as várias esferas de poder e influência que compunham a política do período. Seu método foi o de fazer concessões ao mesmo tempo sábias e astutas: ora aos militares, aos quais equipou e reservou cargos estratégicos em órgãos como a Petrobras; ora aos sindicalistas, a cujos interesses não se opôs, embora controlasse firmemente as manifestações mais enérgicas; e ora aos Congressistas, com os quais negociava por intermédio de sua base, composta essencialmente pela aliança PSD-PTB, garantindo apoio no Congresso a seus muitos projetos para o País.

Esse jogo de poder, no qual JK era mestre, só seria legítimo, para ele, se jogado de acordo com as regras. Essa era, sem dúvida, a maior característica de seu Governo e de sua doutrina: o profundo respeito às regras do jogo, ou seja, aos preceitos da Constituição. Não bastava a Juscelino um Estado democrático; fazia questão, sim, de um Estado Democrático de Direito, hoje um dos princípios fundamentais de nossa Constituição.

No contexto de transformações econômico-sociais e políticas pelas quais o País passou no mandato de Juscelino, Brasília é como que a jóia maior do projeto democrata e desenvolvimentista de JK. Quem o conhecia não duvidou de sua palavra quando aceitou o desafio que lhe foi lançado por Antônio Soares Neto, durante o histórico comício de 04 de abril de 1955. O sonho construído mudou até mesmo o apeli-

do do desafiante, de “Toniquinho da Farmácia” para “Toniquinho JK”, como assina até hoje aquele goiano que questionou o então candidato mineiro à Presidência da República.

O destemor, a ousadia, a determinação e a enorme capacidade de tornar sonhos em realidade já haviam sido testemunhados durante a transformação por que passou Belo Horizonte pelas mãos do Prefeito e, depois, Governador Juscelino Kubitschek. A pacata cidade planejada e tranqüila, com seus contornos provincianos e conservadores, acolhia expressivo grupo de intelectuais de sólida formação. Bebia desses conhecimentos uma juventude que tanto cultivava o conhecimento tradicional como buscava o novo. O jovem prefeito, amigo e freqüentador de artistas e intelectuais, neles se inspirou para projetar uma nova Belo Horizonte, moderna e cosmopolita. Palco de candentes polêmicas entre conservadores e modernistas, Belo Horizonte mudou com o projeto da Pampulha e com a Igreja de São Francisco, finalmente aceita com o marco de mudança de uma época.

Mas o sonho de Juscelino era maior. Ele próprio, uma fábrica de utopias, sonhava cada vez mais alto e maior. Sonhava Brasília, a meta-síntese, a cidade que se tornou, no traço preciso do arquiteto, o símbolo do esforço de toda a população brasileira. Com o otimismo gerado pela nova capital, o Brasil passou a ser o País do presente, universo de possibilidades e realizações. As torres e as cúpulas que compõem o Congresso Nacional, para além da ousadia arquitetônica, colocaram o Parlamento no centro do processo decisório brasileiro, a irradiarem o pluralismo político a que JK dedicou tanto zelo.

Sr. Presidente, ao evocar desta tribuna as qualidades de Juscelino enquanto estadista e exemplo de cidadão a ser seguido, vem à memória a lição do saudoso San Tiago Dantas. Dizia o tribuno que os fatos históricos podem ser vistos e entendidos de forma descritiva e de forma simbólica. Com efeito, Sr^{as}. e Srs. Congressistas, procuramos demonstrar, no decorrer de nosso pronunciamento, a importância fundamental – diria até paradigmática – de JK para o desenvolvimento industrial e econômico brasileiro. Entretanto, a relevância de Juscelino, ao se projetar no tempo histórico, transcendeu o enorme alcance de sua obra. Ao abraçar o projeto de “cinquenta anos em cinco”, Juscelino germinou o ideal do País que pode dar certo, por meio do trabalho e da perseverança. O maior legado do fidalgo de Diamantina talvez seja o compromisso permanente com a democracia e com o desenvolvimento, e a fé inabalável de se construir um Brasil mais justo, fraterno e digno.

Muito obrigado.

O SR. VALMIR AMARAL (PMDB – DF) – Sr. Presidente, Sr^{as}. e Srs. Congressistas, na condição de representante do Distrito Federal, na Câmara Alta do Congresso Nacional, é com grande júbilo e profundamente emocionado que me associo à homenagem que o Parlamento presta a esta personalidade absolutamente invulgar, a este brasileiro que é exemplo de acendrado patriotismo, a este estadista de notável estatura, o Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

De todas as extraordinárias qualidades que ornavam o caráter do Presidente JK, aquela que mais me fascina – e a que eu gostaria de destacar, neste momento – é sua capacidade de sonhar grande, de ousar na definição de metas extremamente ambiciosas, de arrostar o ceticismo, o pessimismo, a descrença e, por fim, concretizar aquilo que, para muitos, representava verdadeiro delírio, objetivo absolutamente inalcançável.

Essa ousadia foi a marca da ação político-governamental de Juscelino em todos os cargos que ocupou. Foi assim na Prefeitura de Belo Horizonte, onde realizou importantes obras de saneamento, abastecimento de água e eletricidade, além de embelezar a cidade com um conjunto sistemático de obras de arquitetura moderna. Da mesma forma, no Governo do Estado de Minas Gerais, quando, dando cumprimento ao seu **slogan** de campanha “energia e transporte”, criou as Centrais Elétricas de Minas Gerais (Cemig), numerosas outras autarquias e empresas estatais, abriu e pavimentou muitas estradas.

Foi na Presidência da República, contudo, que Juscelino Kubitschek deu a demonstração cabal de sua inacreditável capacidade de realizar. Em seu Governo, a taxa de crescimento econômico do País se manteve em torno de 7,8% ao ano. E, incluindo o ano de 1961, quando muitas de suas iniciativas atingiam o ponto de maturação, a média de crescimento econômico chega a 8,3%. Foram abertos mais de 20 mil quilômetros de estradas, implantada a indústria automobilística e produzidos 320 mil veículos automotores, multiplicada a produção de aço, cimento, petróleo, fertilizantes, metais não-ferrosos. Construíram-se Furnas e Três Marias. Implantou-se a indústria pesada, a naval, a de tratores, a química de base. O País foi contemplado, enfim, com um salto de dimensão épica na sua infra-estrutura e no seu patamar de desenvolvimento.

É óbvio que, para conseguir realizar tanto, JK precisou, primeiro, mobilizar a vontade e a energia do povo brasileiro. Essa é, talvez, a melhor lembrança de seu tempo: o otimismo que JK conseguiu semear nos cora-

ções dos brasileiros. Ele logrou instilar de volta o sentimento de esperança no País, reavivou a capacidade do povo de sonhar com um Brasil mais próspero e mais justo. Galvanizou a vontade da Nação em um gigantesco mutirão de desenvolvimento e de renovação.

E o marco definitivo desse esforço conjunto da Nação foi, evidentemente, a construção da nova Capital, aquilo que ele mesmo identificava como a “meta-síntese” de seu famoso Plano de Metas. Foi com disposição inabalável, superando gigantescos obstáculos, enfrentando oposição acirrada de políticos e dos meios de comunicação que Juscelino construiu esta belíssima cidade, hoje objeto do amor daqueles que aqui têm seus lares, coração do Brasil, Capital de todos os brasileiros.

Sr. Presidente, Sr^{as}. e Srs. Congressistas, nestes tempos que vivemos, de tantas crises, de tanto pessimismo, quando as ameaças terríveis do terrorismo e da guerra lançam suas sombras tenebrosas sobre a humanidade, quando as economias de quase todas as nações, mesmo as mais industrializadas, parecem atoladas, patinando, incapazes de alçar-se em novo ciclo de crescimento, é muito oportuno resgatar a memória, a energia, o vigor, o espírito, a força, a positividade do nosso inesquecível Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Francelino Pereira) – Não há mais oradores inscritos.

Sr. Governador Joaquim Roriz, Maristela, Anna Christina, Srs. Congressistas, Srs. Convidados, direi logo que o amor à terra e à liberdade – os dois maiores dons de Minas – é a nossa lei suprema. A nossa cultura não é definitiva e acabada. Vive, em sua multiplicidade, momentos de intensa controvérsia e de fraterno diálogo, chegando ora à confraternização, ora às insurreições cívicas, que marcam, afinal, a nossa identidade nacional.

Minas sempre esteve sob o poder da criação humana e de seu poder de crítica, correção, reinvenção e aperfeiçoamento. De Minas lavram sempre as ações mais candentes em repúdio à desigualdade social, à brutalidade da distribuição de renda, ao totalitarismo e à opressão. Nossa natureza não é obra definitiva, pronta e acabada, mas um dado que necessita do ser humano para se revelar e se transformar. A liberdade é a nossa lei suprema, que o Criador inscreveu no interior mais profundo da criação, a fim de que o homem habitasse um mundo socialmente mais justo. Que o Brasil não fosse um país injusto.

JK cristaliza e dá contextura e personalidade à política mineira, que se expandiu por todo o Brasil. Somos em Minas um só povo, nas planícies, nas várzeas, nos cerrados, nas Alterosas montanhas. Somos, hoje, 18 milhões de mineiros, quase 900 cidades, mais de 100 se transformando em metrópoles, onde todo mundo se conhece, onde todos nos conhecemos. Mas nenhum de nós é uma ilha. Minas são muitas, na expressão de Guimarães Rosa, e, por isso mesmo, não somos todos iguais.

Cada governante, no Palácio da Liberdade, tem a sua estirpe, o seu perfil e a sua histórica trajetória de vida. Milton Campos, nosso reformador social, que chegou ao Governo de Minas e dele se despediu para colocá-lo nas mãos de Juscelino, imaginava, mais do que ninguém, que este, extrovertido e jovial, haveria marcar sua administração pelo voluntarismo, o arrojo e a determinação. Todos imaginávamos que o novo governante aspirava algo além das montanhas de Minas: atravessar a Mantiqueira e chegar ao Rio de Janeiro. O Palácio do Catete era o seu destino.

Que não se espere destas palavras a história de um momento de paz e quietude do Brasil, mas a visão de um estadista – o estadista da revolução do otimismo, que surpreendeu o País, os brasileiros e muitos povos do mundo, em meio às águas revoltas da política nacional.

Fui vê-lo, pela primeira vez, prefeito de Belo Horizonte, na década de 40, elegante, amável, sorridente, simpático, amante da cultura, das danças e das artes, um virtuoso da política, como disse, na última segunda-feira, o meu amigo Francisco Weffort, Ministro da Cultura.

Benedito convidou Pedro Aleixo para ser Prefeito de Belo Horizonte. Era uma forma de conquistar o inconfundível homem público Pedro Aleixo, que recusou o convite e, como era de seu feitio, guardou sigilo. Mais tarde, no convívio, noite adentro, Juscelino revela a Pedro Aleixo ter sido convidado para o cargo e indaga se, aceitando-o, a amizade continuaria. Diante da resposta afirmativa, Juscelino tornou-se Prefeito.

Vindo das penhas de Diamantina, das lavras da mineração, do sacerdócio da medicina, o jovem Juscelino, diferente nos gestos, na alegria, na extroversão, no voluntarismo – um outro estilo, envolvente – haveria de chegar, pelas mãos de Benedito – direi melhor, pelas próprias mãos – ao mundo da política, a mais desafiadora das atividades humanas.

Não queria ser político, mas médico na Santa Casa, na Polícia Militar, onde quer que houvesse um ser humano necessitado de ajuda e da preservação

da vida. Era a forma de conter e dissipar a sua inquietação.

Para JK, a jovem Belo Horizonte não era obra definitiva. A Capital era nova. O clima, sadio. O horizonte, belo. Mas quase tudo estava por fazer. Juscelino transformou-a, como se a ele se expressasse Henriqueta Lisboa, em seu poema "Belo Horizonte Bem Querer":

Uma cidade se levanta
do solo às nuvens,
destrói choupanas e constrói arranha-céus,
cresce das mãos dos operários
canta pelo timbre dos poetas
uma cidade é sinfonia
com ásperas dissonâncias
uma cidade se assemelha às outras,
porém, se a amamos, é única.

Em meio à reinvenção da nova cidade de Belo Horizonte, Pedro Aleixo conta a JK as articulações para o lançamento do Manifesto dos Mineiros, que seria assinado por homens públicos de alta reputação em Minas e no Brasil – noventa e uma personalidades –, não os medalhões da política mineira, como se expressa Bojunga em sua devoção a JK, mas os homens públicos mais honrados de Minas. JK prosseguiu – nenhum abalo – e só deixou a Prefeitura quando caiu a ditadura Vargas, já a caminho do sonho de chegar ao Governo de Minas, no Palácio da Liberdade, e à Presidência da República, no Palácio do Catete. JK realizou seu Governo de ponta a ponta, o primeiro Presidente a cumprir por inteiro o mandato presidencial.

Fui vê-lo na Semaninha de Arte Moderna, por ele promovida na determinação de mudar a face romântica e de certa forma provinciana de Belo Horizonte, ainda jovem, mas discreta na voz dos seus jornalistas e escritores, poetas e cancioneiros, pintores e escultores.

Fui vê-lo quando Milton Campos transmitiu-lhe, na liturgia do Palácio da Liberdade, o Governo de Minas.

Fui vê-lo, depois, sempre um pouco à distância, na execução do seu Plano de Metas, o mesmo estilo de quando reinventou Belo Horizonte e modernizou Minas. Surpreendendo sempre pela jovialidade e a tenacidade de quem constrói um destino, que se confundiria com o destino do Brasil. Com adversários por todos os lados, nas lutas que só as democracias consagram, jamais abdicou do seu ânimo e dos seus sonhos. Até porque, na terra mineira, onde nasceu a liberdade do Brasil, todos o admirávamos, sem distin-

ção partidária ou ideológica. Sonhar, jamais deixou de sonhar, desde as penhas de Diamantina, nos vales de pedra e amor às vastas terras do Jequitinhonha, com a alma tcheca que herdara das origens. Mais que um lenhador, a exemplo de Lincoln, foi sempre um minerador das profundezas de Minas e da exteriorização que consagra o destino dos sonhadores.

Fui vê-lo nos primeiros gestos e ações para a construção de Brasília. Como advogado, em Brasília, hospedado na Cidade Livra, hoje Núcleo Bandeirante. Visitei o Catetinho, o primeiro pouso do guerreiro.

Ali afaguei as límpidas águas da pequenina nascente de onde brotou Brasília e começou a mudança do Brasil.

Fui vê-lo na expressão da cidade pronta, ao eleger-me Deputado Federal. Cheguei a Brasília dirigindo o automóvel de um amigo, ao lado de minha esposa e de meus filhos, e, na altura do Catetinho, pudemos, emocionados, vislumbrar a luminosidade da nova Capital, que abracei até este instante, presidindo esta solenidade, sempre no exercício da vida pública. Vista do alto, na noite fechada, a cidade é plana e colossal árvore de Natal, luminosidade cintilante. E o céu, o mar de Brasília, tem nuvens de estrelas, alguns sóis e outras civilizações, como afirma o mineiro Ronaldo Costa Couto, seu mais recente biógrafo.

Fui vê-lo no cumprimento e no abraço de uma das pessoas mais amadas deste País. Sarah – que tanto conheci antes e depois das flores de Brasília – será sempre o seu nome, o nome da mulher brasileira. Ela subiu as escadas do Palácio da Liberdade e sentou-se ao meu lado, no Salão Nobre, para receber das mãos do Governador – que já governava em clima de liberdade e de restauração do Estado Democrático de Direito – a contribuição de Minas Gerais para a construção do Memorial JK, que ali está, aos nossos olhos e no coração de todos nós, como o símbolo de quem presidiu o Brasil sem ódio e sem ressentimento.

Deus poupou-lhe o medo para, carismaticamente, anunciar a histórica decisão de construir a mais bela capital, que passou a merecer o olhar, a esperança e a admiração do mundo inteiro. Em tudo, JK era a alma e o sentimento que brotaram em Diamantina, penetrou Minas e estendeu-se pelo Brasil afora.

JK nunca deixou de falar de Minas, de olhar as montanhas republicanas, de abraçar o sonho dos inconformes e de multiplicar todas as liberdades pelas quais o mundo anseia e se empenha por uma sociedade igualitária, para fazer do Brasil a terra mais amada.

Fui vê-lo em sua última morada, no Campo da Esperança. Acompanhei de perto, lado a lado, a como-

ção da cidade. Nunca vi, no curso de minha vida, até hoje, tão grande manifestação de amor e solidariedade a um ser humano. Brasília era uma só; a voz, uma só; as lágrimas, na face da multidão; na catedral, um hino de amor e respeito ao construtor e inventor da cidade. Ninguém ficou indiferente. Nunca me senti tão pequenino diante da gratidão humana. À beira do túmulo, permaneci no silêncio comovido de quem, naquele instante, representava o sentimento maior de Minas e dos mineiros.

No dia seguinte, no Congresso Nacional, as homenagens do Brasil. Fui chegando e fui ouvindo, no plenário, o orador que nos representava, falando das virtudes heróicas de Juscelino e, em voz pausada, proclamando que JK morreria numa rodovia porque construiria o parque rodoviário nacional. Morreria num automóvel, porque construiria o parque automobilístico brasileiro.

Até a maldição da prisão política, a cassação do seu mandato, que estremeceu o Brasil, e seu último adeus neste novo coração do Brasil, o Planalto Central, emolduraram a sua vida de sonhos, glórias, tormentos e dores, fazendo-o entrar, infinitamente, nos umbrais da História.

Agora, homenageamos a memória centenária, viva, de JK, que fez de suas inspirações em Minas o sonho de um futuro maior para o Brasil. Para quem não viveu ao seu lado, de braços dados, mas que se tornou amigo e companheiro de sua família, esposa, filhas e netos, o desmedido abraço deste Senador das Minas e das Geraes.

Afinal, senhores, uma palavra de amor e respeito à figura histórica de outro mineiro ilustre, Israel Pi-

nheiro, que, ao lado de JK, ajudou-o a concretizar o sonho da construção da nova Capital. Na sua pessoa, quero, neste instante, homenagear a todos que, de todas as condições sociais e culturais, e vindos de todos os recantos do País, ergueram esta cidade.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Francelino Pereira) – Ao encerrar a presente sessão, a Presidência agradece às autoridades civis e diplomáticas que nos honraram com as suas presenças. Quero registrar a presença do Governador Joaquim Roriz, que, se não fosse o impedimento do Regimento, teria produzido aqui, sem dúvida, um testemunho fantástico em favor daquele cidadão que construiu a cidade que ele governa.

Queria ouvir a palavra de Maristela, que aqui está à minha direita, e também da Anna Christina, que está aqui à minha esquerda. Não foi possível. O tempo passou! Agora, fica a memória viva de Juscelino, que cultivaremos infinitamente.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Francelino Pereira) – Nada mais havendo a tratar, a Presidência vai encerrar os trabalhos.

O SR. PRESIDENTE (Francelino Pereira) – Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 13 horas e 30 minutos.)

Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização *

Número de membros: 22 Senadores e 64 Deputados

Comissão instalada em 15-5-2002

Composição

Presidente: Deputado José Carlos Aleluia

1º Vice-Presidente: Senador Freitas Neto

2º Vice-Presidente: Deputado Anivaldo Vale

3º Vice-Presidente: Senador Tião Viana

Relator da LDO: Senador João Alberto Souza

Relator-Geral do Orçamento para o ano de 2003: Senador Sergio Machado

SENADORES	
Titulares	Suplentes
PMDB	
Gilvam Borges	1. Alberto Silva
Nabor Júnior	2. Fernando Ribeiro
Gilberto Mestrinho	3. Ney Suassuna
João Alberto Souza	4. Valmir Amaral
Sergio Machado	5. Carlos Bezerra
Marluce Pinto	6. Amir Lando
PFL	
Mozarildo Cavalcanti	1. Antônio Carlos Júnior
Moreira Mendes	2. Romeu Tuma
Leomar Quintanilha	3. Paulo Souto
Jonas Pinheiro	4. Francelino Pereira
Adir Gentil	5. Geraldo Althoff

(Continuação da composição da Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização)

SENADORES	
Titulares	Suplentes
<i>Bloco (PSDB-PPB)</i>	
Romero Jucá	1. Ricardo Santos
Freitas Neto	2. Lúcio Alcântara
Benício Sampaio	3. Lúdio Coelho
Ronaldo Cunha Lima	4. Luiz Otávio
Bloco Oposição (PT/PDT/PPS) ^(**)	
Tião Viana	1. Eduardo Suplicy
Sebastião Rocha	2. Emília Fernandes
Heloísa Helena	3. Roberto Saturnino
Osmar Dias	4. José Fogaça
PSB	
Antonio Carlos Valadares	1. Ademir Andrade
PTB	
Carlos Patrocínio	1. Wellington Roberto
^(*) PL	
Roberto Saturnino	1. (vago)

^(**) O PDT desligou-se do Bloco Oposição em 17-4-2002 (DSF 18-4-2002)

^(*) Rodízio nos termos da Resolução nº 2/2000-CN

(continuação da Composição da CMPOPF)

DEPUTADOS	
Titulares	Suplentes
PFL	
Antonio Carlos Konder Reis-SC	1. Átila Lins-AM
Aracely de Paula-MG	2. Cláudio Cajado-BA
João Ribeiro-TO	3. Francisco Rodrigues-RR
Jorge Khoury-BA	4. Gerson Gabrielli-BA
José Carlos Aleluia-BA	5. Gervásio Silva-SC
Luciano Castro-RR	6. José Carlos Coutinho-RJ
Mussa Demes-PI	7. José Carlos Fonseca Jr.-ES
Neuton Lima-SP	8. José Thomaz Nonô-AL
Osvaldo Coelho-PE	9. Lael Varella-MG
Pedro Fernandes-MA	10. Laura Carneiro-RJ
Santos Filho-PR	11. Paes Landim-PI
Wilson Braga-PB	12. José Rocha-BA ⁽⁴⁾
PSDB	
Anivaldo Vale-PA	1. Paulo Kobayashi – SP
Armando Abílio-PB	2. Carlos Batata-PE
Arnon Bezerra-CE	3. Chiquinho Feitosa-CE
Basilio Villani-PR	4. Custódio Mattos-MG
Danilo de Castro-MG	5. Domiciano Cabral-PB
João Almeida-BA	6. Helenildo Ribeiro-AL
Paulo Feijó-RJ	7. Lúcia Vânia-GO
Alberto Goldman – SP	8. Luiz Ribeiro-RJ
Ricarte de Freitas-MT	9. Jovair Arantes-GO
Nilo Coelho –BA	10. Paulo Mourão-TO
Sampaio Dória-SP	11. Sérgio Barros-AC
Sérgio Carvalho-RO	12. Vicente Caropreso-SC
PMDB	
Aníbal Gomes-CE	1. Coriolano Sales-BA
Antonio do Valle-MG	2. Darcísio Perondi-RS
Eunício Oliveira-CE	3. Gastão Vieira-MA
João Matos-SC	4. Jonival Lucas Júnior-BA
José Borba-PR	5. Jorge Alberto-SE
José Chaves-PE	6. Osvaldo Reis-TO
José Priante-PA	7. Zé Gomes da Rocha-GO ⁽³⁾
Milton Monti-SP	8. Renato Vianna-SC
Olavo Calheiros-AL	9. Silas Brasileiro-MG
Pedro Novais-MA	10. Waldemir Moka-MS
Pedro Chaves-GO (3)	11. Zé Índio-SP

⁽⁴⁾ Substituição do Dep. Paulo Braga pelo Dep. José Rocha(S), em 15-5-2002 – PFL-CD

⁽³⁾ Remanejamento do Dep. Pedro Chaves para titular e do Dep. Zé Gomes da Rocha para suplente, em 15-5-2002 PMDB – CD.

(Continuação da Composição da CMPOPF)

DEPUTADOS	
PT	
Carlito Merss-SC	1.Professor Luizinho-SP
Dr. Rosinha-PR	2.Tarcisio Zimmermann-RS
Gilmar Machado-MG	3.Telma de Souza-SP
João Coser-ES	4.Walter Pinheiro-BA
João Grandão-MS	5. Virgílio Guimarães-MG
Jorge Bittar-RJ	6.(vago)
João Magno-MG	7. (vago)
PPB	
Almir Sá-RR	1. Cleonânicio Fonseca-SE
Francisco Dornelles-RJ	2. João Pizzolatti-SC
João Leão-MG	3. João Tota-AC
Márcio Reinaldo Moreira-MG	4. Nelson Meurer – PR
Pedro Henry-MT	5.Ricardo Barros –PR
Roberto Balestra-GO	6. (vago)
PTB	
Félix Mendonça-BA	1.Fernando Gonçalves-RJ
Iris Simões-PTB	2. Iberê Ferreira-PTB
José Carlos Elias-ES	3.Josué Bengtson-PA
Zila Bezerra-AC	4.Romeu Queiroz-MG
Bloco PDT/PPS	
Airton Cascavel-RR	1.Clementino Coelho-PE
Airton Dipp-RS	2.Fernando Coruja-SC
Giovanni Queiroz-PA	3.Rubens Bueno-PR
Clementino Coelho-PE	4.(vago)
Bloco PL/PSL	
Welinton Fagundes-MT ⁽¹⁾	1.Alceste Almeida-RR
Eujácio Simões-BA	2.João Caldas-AL
Juquinha-GO	3.Robério Araújo-RR
Bloco PSB/PcdoB	
Alexandre Cardoso-RJ	1.Agnelo Queiroz-DF
Gonzaga Patriota-PE	2.Givaldo Carimbão-AL
Sérgio Miranda-MG	3.Tânia Soares-SE
PST	
Divaldo Suruagy-AL	1.(vago)
^(*) PTN	
José de Abreu-SP	1.(vago)

Secretária: Myrna Lopes Pereira
Endereço: Câmara dos Deputados – Anexo Luís Eduardo Magalhães (Anexo II)
Ala “C” – Sala 8 – Térreo – CEP – 70160-900
Tel: 318-6937 – 318-6938

⁽¹⁾ Substituição do Dep. Cornélio Ribeiro pelo Dep. Welinton Fagundes, em 10-5-2002 – Bloco (PL/PSL)-CD

^(*) Rodízio nos termos da Resolução nº 2/2000-CN

CONGRESSO NACIONAL
COMISSÃO MISTA DE CONTROLE DAS ATIVIDADES DE INTELIGÊNCIA (CCAI)
(Art. 6º da Lei nº 9.883, de 1999)

COMPOSIÇÃO

Presidente: Deputado Aldo Rebelo¹

CÂMARA DOS DEPUTADOS	SENADO FEDERAL
LÍDER DA MAIORIA Deputado JUTAHY JÚNIOR (PSDB-BA) Telefones: 318-8221/7167/8224	LÍDER DA MAIORIA Senador RENAN CALHEIROS (PMDB-AL) Telefones: 311-2261/2262 e 311-3051/3052
LÍDER DA MINORIA Deputado JOÃO PAULO (PT-SP) Telefones: 318-5170/5172	LÍDER DA MINORIA Senador EDUARDO SUPLCY (Bloco PT/PPS-SP)² Telefones: 311-3191/3192/3873/3861/3862
PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL Deputado ALDO REBELO (Bloco PSB/PCdoB-SP) Telefones: 318-6992/6997/6996/6984	PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL Senador JEFFERSON PÉRES (PDT-AM) <i>Telefones: 311-2063/2065 e 311-3259/3496</i>

(Atualizada em setembro de 2002)

SENADO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DA MESA
Subsecretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SSCOP)
Telefones: 311-4561 e 311-4569

Notas:

¹ Alternância feita na 1ª Reunião de 2002, realizada em 2 de abril, às 15h.

² Em 17.4.2002, o Partido Democrático Trabalhista – PDT deixou de fazer parte do Bloco Parlamentar de Oposição, conforme comunicação feita através do Ofício nº 27/02-GLPDT, de 15.4.2002 (DSF de 18.4.2002, página 4919).

COMISSÃO PARLAMENTAR CONJUNTA DO MERCOSUL (Representação Brasileira)

PRESIDENTE DE HONRA: SENADOR JOSÉ SARNEY

Presidente: Senador Roberto Requião
Vice-Presidente: Deputado Ney Lopes
Secretário-Geral: Deputado Feu Rosa
Secretária-Geral Adjunta: Senadora Emilia Fernandes
(18 Titulares e 18 Suplentes)

MEMBROS TITULARES					MEMBROS SUPLENTE				
SENADORES									
NOME	UF	GAB	FONE	FAX	NOME	UF	GAB	FONE	FAX
PMDB									
ROBERTO REQUIÃO	PR	***09	311 2401	323 4198	1. PEDRO SIMON	RS	*** 03	311 3232	311 1018
CASILDO MALDANER	SC	###15	224-5884	323 4063	2. AMIR LANDO	RO	### 15	311 3130	323 3428
JOSÉ FOGAÇA	RS	*07	311 1207	223-6191	3. MARLUCE PINTO	RR	**8s	311 1301	225 7441
PFL									
JORGE BORNHAUSEN (1)	SC	** 04	311 4206	323 5470	1. WALDECK ORNELAS	BA	# 13	311 2211	323-4592
ADIR GENTIL	SC	### 05	311 2041	323 5099	2. JOSÉ JORGE	PE		311-1284	
Bloco (PSDB/PPB)									
ANTERO PAES DE BARROS	MT	#24	311 1348	321 9470	1. LUIZ OTÁVIO	PA	###	3111027	3114393
LÚDIO COELHO	MS		3112381	3112387	2. RICARDO SANTOS	ES	*13	311-2022	323-5625
PT/PPS (2)									
EMÍLIA FERNANDES	RS	##59	311-2331	323-5994	1.Jefferson Péres (PDT)	AM	###07	311-2061	323-3189
PTB									
ARLINDO PORTO	MG	*05	311-2324	323-2537	1. VAGO				

(1) Licenciado do exercício do mandato, a partir de 22/02/2002

(2) O PDT se desliga do Bloco de Oposição, conforme Ofício nº 27/2002, publicado no DSF, de 18/4/2002.

LEGENDA:		
* ALA SEM. AFONSO ARINOS	# ALA SEN. TEOTÔNIO VILELA	@ EDIFÍCIO PRINCIPAL
**ALA SEM. NILO COELHO	## ALA SEN. TANCREDO NEVES	@ @ ALA SEM. RUY CARNEIRO
***ALA SEM. ALEXANDRE COSTA	### ALA SEN. FELINTO MÜLLER	@ @ @ ALA SEN. DINARTE MARIZ

MEMBROS TITULARES					MEMBROS SUPLENTE				
DEPUTADOS									
NOME	UF	GAB	FONE	FAX	NOME	UF	GAB	FONE	FAX
BLOCO PSDB/PTB									
MARISA SERRANO	MS	237	318-5237	318-2237	1. VICENTE CAROPRESO	SC	662	318-5662	3182662
FEU ROSA	ES	960	318-5960	318-2960	2. YEDA CRUSIUS	RS	956	318-5956	3182956
BLOCO PFL/PST									
NEY LOPES	RN	326	318-5326	318-2326	1. LUCIANO PIZZATTO	PR	541	318-5541	3182541
PAULO GOUVÊA	SC	755	318-5755	318-2755	2. RONALDO CAIADO	GO	227	318-5227	3182227
PMDB									
CONFÚCIO MOURA	RO	*573	318-5573	318-2573	1. EDINHO BEZ	SC	703	318-5703	3182703
DARCÍSIO PERONDI	RS	518	318-5518	318-2518	2. OSMAR SERRAGLIO	PR	845	318-5845	3182845
PT									
PAULO DELGADO	MG	*268	318-5268	318-2268	1. Dr. ROSINHA	PR			
PPB									
JARBAS LIMA	RS	621	318-5621	318-2621	1.CELSO RUSSOMANNO	SP	756	318-5756	3182756
BLOCO PSB/PcdoB									
EZÍDIO PINHEIRO	RS	744	318-5744	318-2744	1.INÁCIO ARRUDA	CE	*582	318-5582	3182582

LEGENDA:
* GABINETES LOCALIZADOS NO ANEXO III
GABINETES LOCALIZADOS NO ANEXO II

SECRETARIA DA COMISSÃO:
ENDEREÇO: CÂMARA DOS DEPUTADOS - ANEXO II - SALA T/24 - BRASÍLIA - DF – 70160-900
FONE: (55) (061) 318 7436 - 318 7186 - 318 8232 - 318 7433 - FAX: (55) (061) 318 2154
www.camara.gov.br/mercosul
e_mail - cpcm@camara.gov.br
SECRETÁRIO: ANTONIO FERREIRA COSTA FILHO
ASSESSORIA TÉCNICA: Dra. MARIA CLÁUDIA DRUMMOND, Dr. FRANCISCO EUGÊNIO ARCANJO

Atualizada em 29/05/2002

Comissão Parlamentar Mista de Inquérito

Requerimento nº 23, de 2000-CN

Requer a criação de Comissão Parlamentar Mista de Inquérito com a finalidade de apurar, em todo País, o elevado crescimento de roubo de cargas transportadas pelas empresas de transportes rodoviários, ferroviários e aquaviários.

Composição

Presidente: Senador Romeu Tuma – PFL-SP

Vice-Presidente: Deputado Mário Negromonte – PSDB-BA

Relator: Deputado Oscar Andrade – PFL-RO

SENADORES	
Titulares	Suplentes
PMDB	
Maguito Vilela ⁽¹⁰⁾	1.Alberto Silva
Gerson Camata	2. Renan Calheiros ⁽¹⁰⁾
Marluce Pinto ⁽⁹⁾	3. (vago) ⁽¹⁴⁾
Wellington Roberto	4.Gilvam Borges
PFL	
Moreira Mendes	1.Leomar Quintanilha ⁽¹⁹⁾
Romeu Tuma ⁽²⁾	2.José Coelho ⁽¹⁸⁾
Francelino Pereira ^{(15) (6)}	3.Jonas Pinheiro
PSDB	
Antero Paes de Barros	1.Luiz Pontes ⁽⁴⁾
Fernando Matusalém ⁽⁵⁾	2.Romero Jucá ⁽⁴⁾
Bloco Oposição (PT/PDT/PPS)	
Sebastião Rocha	1.Jefferson Peres
Geraldo Cândido	2.José Eduardo Dutra

DEPUTADOS	
Titulares	Suplentes
Bloco (PSDB/PTB)	
Domiciano Cabral-PB ⁽¹⁶⁾	1.Márcio Fortes-RJ ⁽⁷⁾
Chico da Princesa-PR	2.Raimundo Gomes de Matos-CE ⁽³⁾
Mário Negromonte-BA	3.Silvio Torres-SP
Bloco (PMDB/PST/PTN)	
Carlos Dunga-PB	1.Albérico Filho-MA
Alberto Fraga-DF ⁽¹¹⁾	2.Waldir Schmidt-RS
PFL	
Jaime Martins-MG	1.Moroni Torgan-CE
Oscar Andrade-RO	2.Robson Tuma-SP
PT	
Nelson Pellegrino-BA ⁽⁸⁾	1.Telma de Souza-SP ⁽¹⁾
PPB	
Ary Kara-SP ⁽¹³⁾	1.Almir Sá-RR
PDT	
Pompeo de Mattos-RS	1.Cabo Júlio-MG (PL) ⁽¹²⁾
Bloco (PSB/PC do B)	
Wanderley Martins-RJ ⁽¹⁷⁾	1.Eduardo Campos-PE

Secretário: Francisco Nauridice de Barros

Endereço: Senado Federal – Ala Senador Alexandre Costa – Sala 17-A-Subsolo

Tel: 311-3508

Leitura: 29-3-2000

Designação da Comissão: 10-5-2000

Prazo final no Congresso: 30-6-2002 – Prazo prorrogado em virtude de aprovação de requerimento.

(10) Substituições feitas em 15-6-2000 – PMDB-SF

(16) Substituição feita em 6-4-2001 – Bloco (PSDB/PTB) CD

(7) Substituição feita em 24-5-2000 – PSDB/PTB-CD

(3) Substituição feita em 17-5-2000 – Bloco PSDB/PTB-CD

(9) Substituição feita em 14-6-2000-PMDB-SF

(14) Em virtude do afastamento do Senador Agnelo Alves, 1º suplente, para assumir mandato de prefeito.

(19) Substituição do Sen. Freitas Neto (S) pelo Sen. Leomar Quintanilha (S), em 18-10-2001 – PFL-SF.

(11) Substituição feita em 21-6-2000 - Bloco PMDB/PST/PTN-CD

(2) Substituição feita em 16-5-2000 – PFL-SF

(18) Substituição do Senador Edison Lobão pelo Senador José Coelho (S), em 31-8-2001 – PFL (SF)

(15) Substituindo o Senador Geraldo Althoff, em 29-3-2001-PFL(SF)

(6) Substituição feita em 19-5-2000 – PFL-SF

(5) Substituição feita em 8-5-2001 – PSDB-SF

(4) Substituições feitas em 18-5-2000 – PSDB-SF

(8) Substituição feita em 1º-6-2000 – PT-CD

(1) Substituição feita em 16-5-2000 – PT-CD

(13) Substituição feita em 13-12-2000 – PPB-CD

(12) Indicação feita em 13-11-2000 – PDT-CD (cessão)

(17) Substituição feita em 17-4-2001 – Bloco (PSB/PC do B) - CD

CONSELHO DA ORDEM DO CONGRESSO NACIONAL

(Criado pelo Decreto Legislativo nº 70, de 23.11.1972)
(Regimento Interno baixado pelo Ato nº 1, de 1973-CN)

COMPOSIÇÃO

Presidente nato¹: Presidente do Senado Federal, Senador Ramez Tebet

CÂMARA DOS DEPUTADOS	SENADO FEDERAL
<u>PRESIDENTE</u> Deputado Aécio Neves (PSDB/MG)	<u>PRESIDENTE</u> Senador Ramez Tebet (PMDB-MS))
<u>1º VICE-PRESIDENTE</u> Deputado Efraim Moraes (PFL-PB)	<u>1º VICE-PRESIDENTE</u> Senador Edison Lobão (PFL-MA)
<u>2º VICE-PRESIDENTE</u> Deputado Barbosa Neto (PMDB-GO)	<u>2º VICE-PRESIDENTE</u> Senador Antônio Carlos Valadares (PSB-SE)
<u>1º SECRETÁRIO</u> Deputado Severino Cavalcanti (PPB-PE)	<u>1º SECRETÁRIO</u> Senador Carlos Wilson (PTB-PE)
<u>2º SECRETÁRIO</u> Deputado Nilton Capixaba (PTB-RO)	<u>2º SECRETÁRIO</u> Senador Antero Paes de Barros (PSDB-MT)
<u>3º SECRETÁRIO</u> Deputado Paulo Rocha (PT-PA)	<u>3º SECRETÁRIO</u> Senador Ronaldo Cunha Lima (PSDB-PB)
<u>4º SECRETÁRIO</u> Deputado Ciro Nogueira (PFL-PI)	<u>4º SECRETÁRIO</u> Senador Mozarildo Cavalcanti (PFL-RR)
<u>LÍDER DA MAIORIA</u> Deputado Jutahy Júnior (PSDB-BA)	<u>LÍDER DA MAIORIA</u> Senador Renan Calheiros (PMDB-AL)
<u>LÍDER DA MINORIA</u> Deputado João Paulo (PT-SP)	<u>LÍDER DA MINORIA</u> Senador Eduardo Suplicy (PT-SP)
<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE REDAÇÃO</u> Deputado Inaldo Leitão (PSDB-PB)	<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E CIDADANIA</u> Senador Bernardo Cabral (PFL-AM)
<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL</u> Deputado Aldo Rebelo (PCdoB-SP)	<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL</u> Senador Jefferson Péres (PDT-AM)

(Atualizada em agosto de 2002)

SENADO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DA MESA
Subsecretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SSCOP)
Telefones: 311-4561 e 311-4569

Nota:

¹ De acordo com o art. 5º do Ato nº 1/73-CN.

CONSELHO “DIPLOMA DO MÉRITO EDUCATIVO DARCY RIBEIRO”
(Constituído pela Resolução nº 2, de 1999-CN)

Composição
(designada na sessão do Senado Federal de 26.5.2000)

Presidente: Senador Ramez Tebet¹

Deputados	Senadores
(vago) ²	Senador Ramez Tebet (Presidente do Congresso Nacional) ³
Maria Elvira (PMDB-MG)	Sebastião Rocha (PDT-AP)
Marisa Serrano (PSDB-MS)	Carlos Patrocínio (PTB-TO)

Atualizado em julho de 2002

SENADO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DA MESA
Subsecretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SSCOP)
Telefones: 311-4561 e 311-4569

Notas:

¹ Presidência exercida pelo Presidente do Congresso Nacional, até que o Conselho realize eleição para esse fim, nos termos do art. 3º e parágrafo único da Resolução nº 2, de 1999-CN.

² Vaga ocupada pelo Deputado Pedro Wilson (PT-GO) até 31.12.2000. Em 1.1.2001, S. Ex^a renunciou ao mandato de Deputado, tendo em vista sua eleição para a Prefeitura de Goiânia-GO.

³ Membro nato, nos termos do art. 3º da Resolução nº 2, de 1999-CN.

CONSELHO DO DIPLOMA MULHER-CIDADÃ BERTHA LUTZ
Constituído pela Resolução nº 2, de 2001, oriunda do Projeto de Resolução nº 25, de 1998,
aprovado na Sessão Deliberativa Ordinária do Senado Federal do dia 15.3.2001

Composição
(Designação feita na Sessão Ordinária do Senado Federal de 3.12.2001)

Presidente: Senadora Emília Fernandes ¹
Vice-Presidente: Senador José Alencar

PMDB
Senadora Marluce Pinto (RR)
PFL
Senadora Maria do Carmo Alves (SE)
BLOCO PSDB/PPB
Senador Ricardo Santos (ES)
BLOCO DE OPOSIÇÃO PT/PPS ²
Senadora Emília Fernandes (RS)
PDT
PSB
Senador Ademir Andrade (PA)
PTB
Senador Carlos Patrocínio (TO) ³
PL
Senador José Alencar (MG)

SENADO FEDERAL
SECRETARIA-GERAL DA MESA
Subsecretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SSCOP)
Telefones: 311-4561 e 311-4569

Notas:

¹ Presidente e Vice-Presidente eleitos na 1ª Reunião do Conselho, realizada em 19.12.2001 (Ata publicada no DSF de 20.12.2001, p. 32189).

² Comunicado o desligamento do PDT do Bloco Parlamentar de Oposição na Sessão de 17.4.2002.

³ Substituiu o Senador Wellington Roberto em 4.12.2001, mediante o Ofício nº 405/01, de 3.12.2001, da Liderança do PTB.



SENADO FEDERAL
Secretaria Especial de Editoração e Publicações
Subsecretaria de Edições Técnicas

O Brasil no Pensamento Brasileiro

Coleção Brasil 500 Anos

"Trata-se de um conjunto de leituras sobre temas básicos da realidade e da história brasileiras, preparado com o objetivo de colocar ao rápido alcance do leitor textos que se encontram em múltiplas obras, muitas delas de difícil acesso". Volume de 822 páginas, com introdução, seleção, organização e notas bibliográficas de Djalir Meneses.

Preço por exemplar: R\$ 30,00



Conheça nosso catálogo na Internet

www.senado.gov.br/web/seepcat/catalogo.cfm

Para adquirir essa ou outra publicação:

- 1 - Confirme o preço e disponibilidade pelo telefone **(061) 311-3575**;
- 2 - Efetue depósito, no valor total da compra, em nome de **FUNSEEP**, agência **3602-1**, do **Banco do Brasil**, Conta-corrente **170.500-8**, preenchendo o campo "depósito identificado (código dv)/finalidade" com o código **02000202902001-3** (obrigatório);
- 3 - Para sua segurança, mantenha cópia do comprovante do depósito;
- 4 - Encaminhe o formulário abaixo (se necessário, anexe lista das publicações desejadas), acompanhado do comprovante **ORIGINAL** do depósito, para:

Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal
Via N2 - Unidade de apoio III - Praça dos Três Poderes
70.165-900 - Brasília - DF

Nome:			
Endereço:			
Cidade:		CEP:	UF:
Publicação	Quantidade	Preço Unit. (R\$)	Preço Total (R\$)



EDIÇÃO DE HOJE: 34 PÁGINAS